

Algumas Informações Históricas Craôs

Informações de craôs e de pessoas a eles relacionadas recolhidas por Julio Cezar Melatti, no período de 1962 a 1971.

Brasília
2011

Algumas Informações Históricas Craôs

Prólogo

Os trechos referentes à história dos craôs e dos seus vizinhos brancos constantes de minhas anotações foram abaixo transcritos na ordem em que foram tomados. Informações prestadas por diferentes pessoas, índios e brancos, nem sempre concordantes e mesmo sujeitas a contradições internas, pedem por algum tipo de roteiro para serem bem entendidas pelo leitor. Por isso aponto aqui algumas pessoas, lugares e acontecimentos que podem servir de pontos de referência cronológicos ou espaciais.

A não ser uma ou outra vaga referência, estas informações não alcançam mais longe que o tempo em que Frei Rafael de Taggia transferiu os craôs das vizinhanças de Carolina, no Maranhão, para Pedro Afonso, no norte de Goiás (hoje Tocantins), nos meados do século XIX. Ele deixou um relato sobre sua missão¹.

Da segunda metade do século XIX o craô mais lembrado é o Major Tito, filho de homem branco com mulher indígena. O relatório de um presidente da província de Goiás registra, na p. 35, a visita de um grupo de craôs a sua capital, em 1873, liderado por Tito². Chama-o de Antônio Tito, mas o primeiro nome nunca é referido pelos craôs. Como uma das informações abaixo transcritas supõe ser Antônio Coelho o nome do pai do Major Tito, é possível que ele tivesse o primeiro nome do pai acrescentado ao seu. Mas, conforme o costume sertanejo, deveria ser Tito Antônio e não Antônio Tito.

A aldeia que o Major Tito dirigia chamava-se Forquilha e ficava nas vizinhanças do ribeirão dos Cavalos, afluente da margem direita do Manoel Alves Pequeno. Ele tinha sua fazenda de gado em Santa Cruz, ou seja ambos os locais próximos ao lugar onde veio a surgir a atual cidade de Itacajá. Parece que Tito nasceu depois que os craôs já se tinham transferido das vizinhanças de Pedro Afonso para o curso do rio Manoel Alves Pequeno. Não sei em que ano ele foi assassinado, mas possivelmente foi ainda no século XIX. Reunia a sua aldeia todos os craôs de então?

A julgar pelas poucas relações conhecidas do Major Tito, possivelmente sua aldeia de Forquilha corresponde àquela que veio a ser posteriormente conhecida como Pedra Branca, pois sucedeu-o na chefia José Grosso, avô de Gabriel, um morador desta última, o qual cheguei a conhecer. Outros moradores de Pedra Branca, como os irmãos Marcão, José Pinto e Davi, eram filhos da filha de Torquato, um negro admitido e casado na aldeia de Tito, e considerado por alguns como seu assassino. Quando Pedra Branca se cindiu, Pedro Penão, filho de uma irmã daqueles três irmãos, assumiu a chefia da maior porção da aldeia, sucedendo a seu tio materno Marcão, que passou a dirigir a porção menor.

¹ TAGGIA, Frei Rafael. 1898. "Mappas dos indios Cherentes e Chavantes na nova povoação de Thereza Christina no Rio Tocantins e indios Charaós da aldêa de Pedro Affonso nas margens do mesmo rio, ao norte da Provincia de Goyaz". *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Tomo 19 (Tomo 6 da terceira série), pp. 119-124.

² ASSIS, Antero Cícero de. 1873. *Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de Goyaz pelo Exmo. Sr. Dr. Antero Cícero de Assis Presidente da Província em o 1º de Junho de 1873*. Typographia Provincial. Goyaz.

É verdade que a aldeia de Pedra Branca não esteve sempre perto do ribeirão dos Cavalos. Adultos de meia idade no tempo de minha pesquisa (seis etapas de campo de 1962 a 1971) lembravam-se de outros lugares onde a ela esteve instalada. Em relatos de suas vidas, três craôs aplicam diferentes referências ao local de seu nascimento, mas que parece ser o mesmo: Aniceto {10} diz ter nascido em Puko, no rumo do Jaó; Penõ, no Jordão, perto do Jaó; Davi, em Pu?koti (certamente um outro modo de referir-se a Puko), nome que alude à grande quantidade de urucu que aí havia, perto da Ventura. Conforme os dois primeiros, depois há uma mudança para o local onde estava a aldeia de Marcão no tempo em que fiz pesquisa, ou seja, Pedra Branca. Depois Aniceto faz referência ao Riozinho (Hintuxarekate), seguida de João Vidal (ou São Vidal?), que é o nome de um ribeirão. Um quarto craô, José Nogueira, diz ter nascido em Krowho Kawé, tendo depois passado para o João Vidal.

De 1926 a 1936 atuou entre os craôs o missionário batista pernambucano Zacarias Campêlo. Ainda dentro desse período chegou também o missionário Colares. Foi possivelmente por influência dos missionários que duas aldeias craôs se aproximaram espacialmente, colocando-se no mesmo Vão do Zacarias, anteriormente chamado Vão do Pedra Furada. Nesse mesmo vão, a aldeia de Pedra Branca se pôs na entrada e a de Pedra Furada no fundo.

Quando essas duas aldeias estavam no Vão do Zacarias é que Curt Nimuendaju visitou os craôs, em abril e maio de 1930. Na p. 26 de seu famoso livro sobre os Timbiris Orientais³, esse etnólogo distingue os craôs em duas subdivisões. Considerou Pedra Branca e Pedra Furada, na vertente oriental do rio Manoel Alves Pequeno, como constituintes de uma delas, a dos Kenpókateye. A segunda subdivisão, a dos Mākamekra, estava a uns 50 km mais ao sul. Os Mākamekra tinham tido sua aldeia no ribeirão Gameleira e depois no Donzela, ambos tributários do alto curso do rio Manoel Alves Pequeno. Mas pouco antes da visita de Nimuendaju a aldeia se tinha cindido, ficando uma parte com o chefe Secundo e outra com Bernardino.

A aldeia de Pedra Furada, admitem as informações, nasceu de uma cisão de Pedra Branca, numa data que ignoro, mas que deve ser muito antiga, pois Bertoldo e seu irmão Chiquinho já a lideravam em 1916, a julgar pelo nome do governador do Piauí (Miguel Rosa) que então conheceram em uma de suas viagens. Não sei enumerar os diferentes locais onde esteve instalada nas três primeiras décadas do século XX. Mas em 1971, quando havia pouco se mudara para um novo local, Cachoeira, seu então chefe, Diniz, contou-me que a aldeia já estivera ali, e como prova mostrou-me uma moeda de 40 réis, de 1874, tendo de um lado a efígie do Imperador Pedro II e do outro as armas do Império, que servira de peça do fuso de fiar, pois estava perfurada no centro. Isso não quer dizer que a aldeia tivesse estado ali no tempo do Império, pois a moeda pode ter circulado por muitos anos após ter sido cunhada.

Quando do ataque dos fazendeiros aos craôs em 1940, aldeia de Pedra Branca estava em Bacaba, um lugar nas margens do Riozinho⁴, afluente que desemboca no Manoel Alves Pequeno um pouco ao sul de Itacajá. A de Pedra Furada estava em Cabeceira Grossa, que é o nome de um ribeirão que corre fora da atual Terra Indígena, a noroeste do ribeirão dos Cavalos, na direção do Manoel Alves Pequeno. A julgar pela data de seu

³ NIMUENDAJU, Curt. 1946. *The Eastern Timbira*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

⁴ Note-se que há mais duas correntes d'água chamadas "Riozinho" na Terra Indígena Craô. Uma delas corre na direção do rio Vermelho, portanto oposta à daquela que se dirige para o Manoel Alves Pequeno. Ambas fazem a fronteira entre os municípios de Itacajá e o de Goiatins. A terceira também corre para o rio Vermelho, fazendo a fronteira noroeste da Terra Indígena.

período de pesquisa (1938/1939), foi aí que esteve o antropólogo Buell Quain. As aldeias Mākamekra, ao sul, não chegaram a ser diretamente atacadas.

A intervenção do governo após o ataque dos fazendeiros consistiu de algumas medidas, entre as quais a criação de um posto do SPI. Esse posto se instalou em Campo Alegre, mais ou menos no centro da Terra Indígena, para junto do qual mudou-se a aldeia que estava em Cabeceira Grossa. Posteriormente essa aldeia passou para Canto Grande, onde sofreu uma cisão: uma parte foi para Lagoa, sob o chefe Ambrosinho e outra foi para o Abóbora, dirigida pelo velho Major Chiquinho. Foi nesses locais que as encontrei em 1962. Já no ano seguinte encontrei a parte dirigida por Ambrosinho em Boa União. Em 1971 as duas partes tinham voltado a se juntar em Cachoeira, sob a chefia de Diniz.

A aldeia que foi atacada em Bacaba deve se ter mudado, após a instalação do SPI, para as proximidades do ribeirão dos Cavalos, dirigida por Marcão. Um conflito em data que não sei precisar fez Marcão afastar-se com seus seguidores para um local chamado mais apropriadamente de Pedra Branca, enquanto a maior parte da aldeia se manteve junto ao ribeirão dos Cavalos sob a chefia de seu sobrinho materno Pedro Penõ. Foi assim que as encontrei em 1962. Já que a aldeia de Marcão era referida como Pedra Branca, não obtive um nome para a aldeia de Penõ. Perguntei-lhe uma vez como se chamava a pequenina, ainda que perene, corrente d'água onde os moradores de sua aldeia se abasteciam de água e tomavam banho. Disse-me chamar-se Bebida. Poderia ter passado a chamar a aldeia de Bebida, mas preferi em minhas anotações chamá-la impropriamente de aldeia do Posto, por ser a mais próxima dele, ainda que cerca de uma légua (6 km). No ano seguinte encontrei a aldeia de Penõ mudada para uns 500 metros mais adiante. Limitara-se a cruzar o Bebida de uma margem para a outra. Foi nesse local que Manuela Carneiro da Cunha fez a foto da capa de seu livro⁵. Em 1971, quando realizei minha última etapa de campo, ainda permanecia no mesmo local.

Quanto aos Mākamekra, suas aldeias Donzela (chefiada por Secundo) e Pitoró (chefiada por Bernardino) ficaram fora da Craolândia⁶, terra indígena criada em 1944. Chamados a ingressar no “Circo”, como os craôs a ela se referiam, os seguidores de Secundo se estabeleceram no Galheiro e os de Bernardino em outro lugar, mas não ainda no Morro do Boi, pois aí se estabeleceram pouco tempo antes de eu os visitar em 1963. Os moradores do Galheiro, para onde refluíram vários que inicialmente tinham seguido Bernardino, moraram depois em Sucuriú, Mangabeira, Taquari (onde esteve o antropólogo David Maybury-Lewis) e Serrinha, onde já estavam havia três anos quando os visitei no início de 1963. Em 1971 Serrinha tinha se cindido; João Noleto, seu antigo chefe, tendo-a deixado, estabeleceu-se em Santa Cruz, bem próximo de Itacajá, acompanhado por uns poucos seguidores. Não sei dizer se foi nesse mesmo lugar que o antigo Major Tito tinha sua fazenda, também chamada Santa Cruz.

Muitas das informações que tive sobre as relações dos craôs com os brancos me foram prestadas por conversas com Dodanin Gonçalves Pereira. Missionário batista, ainda que não desempenhando oficialmente essa atividade perante as autoridades governamentais, era também funcionário do SPI, do qual vez por outra tinha de se afastar devido a dissensões internas no órgão indigenista. Era proprietário de um sítio junto à fronteira da terra indígena, marcada pelo ribeirão dos Cavalos. Sua esposa Edith também me passou boas informações. Um outro missionário, negro, que trabalhara com os craôs

⁵ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1978. *Os Mortos e os Outros: Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec.

⁶ Decreto-lei nº 102, de 5/8/1944, assinado pelo interventor federal do Estado de Goiás. Muito tempo depois passou pelos procedimentos aplicados pelo governo federal, tendo sido registrada em 1992.

desde tempos anteriores ao ataque de 1940, e depois no SPI, em atividades docentes, era Joaquim Leão. Morava em Itacajá e esteve sempre pronto a ajudar-me. Tal como Dodanin, sabia falar a língua dos craôs, mas estes admitiam que ele o fazia de modo mais satisfatório.

Em Itacajá tive muita atenção de Manduca (Manoel Correia), sobrinho materno e genro de Agostinho Soares, que me relatou casos antigos passados ainda no século XIX.

Transcrições

D1: 471 – Aldeia do Posto, 21/11/1962.

“À tarde Aniceto {10} entrou em minha casa. Contou que atrás do Morro do Chapéu, perto de Carolina, havia uma aldeia grande. Foi depois de uma festa que se separaram, cada qual tomando um nome: Apinayé, xerente, Carajá, Canela, Aldeia do Raposos, Gavião, Caboré, Aldeia do Periquito. Os craôs foram até o Pedro Afonso. Atorkrã, Txortxô, Krokro, Kuvenkahuro foram grandes guerreiros quando a aldeia estava próxima ao Morro do Chapéu. Lá está um toro de pedra grande que Veku conseguiu carregar, enquanto seu companheiro não pôde. A aldeia que tinha fartura era então atacada por aquelas que sofriam fome. Quando a venciam ficavam donos dela. Nem Gabriel {33}, nem Aniceto, nem o avô do Aniceto alcançaram o tempo em que os índios faziam guerra.”

D1: 553-555 – Aldeia de Pedra Branca, 9/12/1962.

“Itacajá, segundo Marcão {195}, começou com uma fazenda de Agostin Soares. Este andava pelas aldeias, passava aí alguns dias, dormia com índias, tanto que Gabriel (*Cuhêquê* {33}), Antônio (*Crãcajhê*) e Aloísio (Putkrin) são filhos do citado Agostinho. Primeiro os craôs moravam perto do Morro do Chapéu. O Padre Rafael — diz que morava em Pedro Afonso, acrescenta Marcão, só numa casa — fez duas canoas grandes, desceu o rio com ela[s], chegou perto da aldeia e trouxe, em várias viagens, os índios para perto de Pedro Afonso. Aí passaram não sei quantos anos, diz Marcão, e atravessaram para cá. Foi o pai de Vicentão que trouxe os craôs para cá. Pôs a aldeia primeiro na Cachoeira, queda d’água do Manoel Alves, acima de Itacajá. Depois a aldeia mudou para o Ribeirão dos Cavalos, onde está o Pedro *Pênõ* {158}. Aí é que os craôs se dividiram: um bocado para o Canto Grande, um bocado para o Galheiro, um bocado ficou aí mesmo e que é a aldeia de P. *Pênõ*. Separaram-se porque um índio criava uma ema e o outro quebrou a perna dela [a cisão de aldeias por causa de uma ema é um episódio mítico]. Aí, por causa da ema, brigaram com a boca — com a mão não — e por isso é que se separaram. Pedi a Marcão os nomes indígenas das aldeias e ele citou:

- 1 – *Quênpojcre catejê* (ald. do Marcão) = gente do morro branco.
- 2 – *Quêncre catêjê* (ald. do *Pênõ*) = gente do buraco de pedra.
- 3 – *Hîpocre catêjê* (ald. do Ambrosinho) = gente da lagoa.
- 4 – *Cupêjôcrehê catêjê* (ald. do Chiquinho) = gente de barba de kupen no queixo.
- 5 – *Xôtcuhô catêjê* (ald. do Galheiro) = gente do pênis que lava.

A fazenda do Xupé era do Mundico e foi levantada quando já existia o Vau, ou melhor o Xupé era da mulher do Agostinho Soares (na caderneta pus Aloísio, mas deve ser engano) e ficou para o Mundico. O Vau como já se disse, era uma fazenda. Depois chegou o fazedor de roças Feliciano, depois veio o Cravo com oficina de cana; depois veio Altino, só com negócio de mercadoria, sal, etc. Depois veio a mãe do Deca (Regina — será a Rosina, da pág. 550?). Quando ficou um bocado de casa, Mundico tirou a

fazenda e a pôs no São Miguel, uma légua para lá do Vau. O Santiago, atacante de Cabeceira Grossa, não tinha fazendas por aqui. Só num lugar chamado Aldeia, perto de Carolina. O pai do Manduca, Norato, morava na Barriguda. Manduca mais tarde veio para o Vau. Na Barriguda ele era vaqueiro do pai.”

D1: 571 – Aldeia do Posto, 12/12/1962.

“Esteves {53} contou-me que no tempo em que os craôs estavam em Carolina, os Gaviões mataram um bocado de craôs. Por isso não há mais gente de um partido do *Kêtwajê*. Aí o Padre Rafael trouxe os craôs para Pedro Afonso e a estrada para os Gavião foi fechada.”

D1: 616 – Aldeia de Canto Grande, 20/12/1962.

“Segundo o *Tepjê* {303} esta aldeia já esteve nos seguintes lugares: 1) Vão do Zacarias; 2) Cabeceira Grossa (onde foi atacada pelo Santiago); 3) Campo Alegre (onde ficava o Posto Velho); 4) Canto Grande (onde deu-se a separação de Chiquinho {329} de Ambrosinho {221}); 5) aqui [Lagoa, Vão do Escondido]. *Tepjê* pretende sugerir a Ambrosinho {221} um outro local aqui perto para a aldeia, numa chapada grande, de chão duro, bom para fazer casa; aqui o chão é frouxo, ruim para construção, para mulher varrer; no inverno levanta uma poeira que traz muito catarro. Campo Alegre era um ótimo lugar para a aldeia; tinha muita laranja, jaca, manguito, caju, tangerina que Dodanin plantou. Entretanto a chuva fez um rego que alcançava o pátio da aldeia e foi preciso mudar a aldeia. *Tepjê* queria ter ao menos uma rês para morar lá no Campo Alegre sozinho porque tem interesse em criar. Como perguntasse em tom de reprovação se ia abandonar a aldeia, respondeu-me que não, que continuaria a morar nela, assim como o cristão que tem fazenda e mora na cidade. Vai mexer nessas capitais todinhas para ver se arranja pelo menos uma vaquinha. Há prefeito que arranja logo passagem; outros dizem que não têm nada; outros arranjam dinheiro para comprar bóia, passagem...”

D1: 635-636 – Aldeia do Abóbora, 23/12/1962.

“Contou Chiquinho {329} que quando era pequeno viu o Tito {1163}, quando voltava do Rio com a patente. Tito era capitão da aldeia de Forquilha, no ribeirão dos Cavalos. Foi morto pelos cristãos que lhe roubaram o gado. Essa aldeia fica perto da atual de Pedro *Pênô* {158}.

Ontem Chiquinho me contou que o pessoal do Galheiro se separou do resto dos craôs quando estavam no Maranhão, por causa de briga por causa de feiticeiro (talvez para evitar vinganças por causa de morte de feiticeiro, suponho); mais tarde o Padre foi buscá-los no Maranhão, convidando-os a vir para o local de Pedro Afonso, onde havia muita caça, pois no local onde estavam não havia nada. O povo do Galheiro voltou a separar-se mais tarde pelo mesmo motivo que se separou a primeira vez.”

D1: 667 – Aldeia do Abóbora, 28/12/1962.

“Diz Chiquinho que aquela história da existência de um grupo creniê que os Gaviões destruíram é mentira.”

D1: 684-685 – Aldeia do Galheiro, 3?1/1963.

“Pela tarde conversei com *Atôn* {499}. Soube dele que esta aldeia esteve primeiro no Pitoró, fora do ‘circo’; aliás o ‘circo’ ainda não estava demarcado então. Quando demarcaram a terra dos índios, a aldeia veio para Donzela; porém Marco {519}, Altino {1259}, Bernardino {1082} ficaram no Pitoró com suas famílias; só se foram juntar aos outros em 1945, quando a aldeia ainda estava em Donzela. Depois a aldeia passou para o

Galheiro (Galheiro Velho), a quatro léguas daqui. Depois para o Sucuriú, daqui a quatro léguas. De lá veio para o Mangabeira; depois para o Taquari, a meia légua daqui (segundo alguém foi então que David Maybury-Lewis visitou a aldeia); depois veio para cá, lugar chamado Serrinha, onde está há três anos. Desta aldeia saíram para o *Pênõ* {158} Sabino Velho com a família (Sabino {1008} é pai de *Côtyj* {21}, da casa 3 da aldeia de *Pênõ*) e João Silvano {1007}; saíram quando a aldeia estava no Galheiro.”

D1: 710-713 – Itacajá, 6/1/1963 (escrito na Aldeia do Posto 7/1/1963)

“Mais tarde, depois das 16 horas, apareci na casa do juiz, chamado Manoel ... Correia (Manduca). Falou longas horas sobre os índios daqui, mas não queria que eu escrevesse; combinei com ele de visitá-lo outra vez para escrever. Entretanto, como por qualquer motivo eu possa não conseguir anotar por escrito o que ele disser, vou deixar escrito aqui tudo aquilo de que me lembro e que for de utilidade registrar. O religioso Frei Rafael de Taggia trouxe os craôs do local onde está hoje Boa Vista (Tocantinópolis). Estabeleceu-os na margem do Soninho. Um dos antepassados de Manduca estabeleceu-se na margem do Manoel Alves Pequeno, na embocadura do Rib. Santa Rita. Era piauiense (ou cearense?). Daí saía para buscar pólvora, remédio com Frei Rafael de Taggia. Desta casa destacou-se um homem para o lugar chamado S. Roque, também na margem do Manoel Alves Pequeno. Os bovinos, os cavalos, os jumentos de S. Roque eram frequentemente atacados por onças. O dono do estabelecimento pediu então a Frei Rafael uns três guerreiros craôs para ajudá-lo a matar onças. Estes guerreiros gostaram muito do local. A aldeia estava então num local muito doentio; os índios sofriam febre e morriam: era um lugar bom para gado, mas doentio para o homem. Avisados por estes guerreiros, os craôs vieram estabelecer a aldeia em S. Roque e parece que foi aí que fizeram amizade com todos, inclusive com Agostinho Soares, irmão da mãe de Manduca e ao mesmo tempo seu sogro. Agostinho Soares foi homem pobre em tudo menos em gado. Ora, vieram não sei se do Maranhão ou do Piauí, uns Costa que puseram gado por aqui. Aconteceu dos índios matarem um ou mais gados dos Costas. Ora, alguns destes foram à aldeia e encontrando-a quase vazia, mataram todos os presentes: um velho, uma mulher grávida, uma velha e um menino. E puseram fogo na aldeia. Os índios, em represália, conhecendo o ferro dos Costa, que era [figura: três linhas retas ligadas num mesmo vértice] (pé de ema), passaram a matar mais gado deles. Os Costas então juntaram uma jagunçada na sua terra de origem e vieram até a fazenda da Ventura, onde obrigaram Agostin Soares a assinar um documento passando todos os bens da fazenda aos Costa. Os jagunços foram a seguir para S. Roque (se não me engano) o vaqueiro de lá, conseguiu avisar a Agostin da situação. Os índios vieram a ter conhecimento do caso e ofereceram ajuda a Agostin que aceitou. Os índios e Agostin conseguiram debandar os bandidos. Morreram três bandidos (o chefe deles inclusive), antes e depois da luta principal, mas nenhum na luta. Agostin ajudava muito os índios com produtos agrícolas e com gado. Dava cerca de 12 cabeças por ano e os índios ainda lhe matavam mais algumas. Mas Agostin não se importava. Parece que foi quando os índios se estabeleceram no Jordão (mais abaixo de S. Roque e ainda na beira do Manoel Alves Pequeno) que começaram a atacar gado de outros fazendeiros. Então Agostin ofereceu aos índios de ficar com o Jordão e de lhes dar Pedra Branca, onde ele tinha uma fazenda: diz Manduca que Agostin falou aos índios que se fosse gado dele, ele não se importava, mas preocupava-se em ver os índios matando gado dos outros. Conta Manduca que os índios obedeciam cegamente a seu tio Agostinho.”

D1: 713-719 [O relato de Manduca, do dia 6, em Itacajá, continuo registrá-lo no Posto Indígena em 8/1/1963]

“Manduca acha que Zacarias nos seus livros ‘A Heroína de Caraonópolis’ e ‘O Índio é Assim...’ escreveu coisas que não são totalmente verdade. Manduca viu a chegada de Zacarias Campêlo e de D. Noemi em 1926; chegaram em estado lamentável, sem nada. Foi Manduca que os levou à aldeia. Zacarias se estabeleceu na aldeia de Bertoldo {1065} e Chiquinho {329} (eram dois os chefes). Acha Manduca que Zacarias tem muita culpa na morte de D. Noemi: levou uma moça daquela, de Pernambuco, de cidade, para um lugar onde não havia nada! D. Noemi morreu pouco depois de dar à luz uma criança em Carolina. Conta Manduca que certa vez Zacarias mandou pedir a Manduca quanta carne pudesse arranjar e também algodão para fazer pavio de lamparina: enviou para isso um índio como portador. O índio convidou mais dois para acompanharem (o índio nunca anda sozinho, segundo Manduca). Manduca escreveu a Zacarias que além do algodão lhe enviava três pedaços de carne. Os índios portadores ouviram-no falar quando escreveu em ‘três pedaços de carne’; saindo com a carne os índios a comeram quase toda, e entregaram três naquinhos de carne a Zacarias e mais o algodão. Diz Manduca que Zacarias tinha todo o jeito de querer ser chefe da aldeia e só não foi porque viu que não havia meio de sê-lo. Luís Balbino {1120} formou um partido contra Zacarias e separou-se da aldeia com seus adeptos, formando outra; os chefes a favor de Zacarias eram Chiquinho e Bertoldo. Zacarias saiu da aldeia por causa de encrenca com os índios. Um porco de um tal de Romano andava fuçando a roça dos índios e eles o mataram (o porco) parece que por ordem do próprio Zacarias. Isso deu uma encrenca e os índios se indispuseram com Zacarias. Ele saiu daqui e foi para Miracema do Norte, desligou-se da Missão e foi trabalhar em garimpo, chefiando uma turma; depois voltou a Pernambuco onde é diretor de um ginásio. Colares chegou depois. Estabeleceu-se na aldeia de Pedra Branca. A aldeia de Bertoldo e Chiquinho (Luís Balbino fora) se estabeleceu no fundo do Vão do Zacarias (Vão do Pedra Furada) e perto dela havia a casa de Zacarias (que casou novamente com D. Orfiza, de Carolina) e a aldeia de Pedra Branca na entrada do mesmo Vão, tendo perto a casa de Colares. A mulher deste brigava frequentemente com a mulher de Zacarias, o que pôs os dois homens em desentendimento. Os índios também se indispuseram com Colares. Não sei se foi a Colares ou a Zacarias que Manduca ofereceu o rifle. Mundico já pensava em atacar os índios; Colares, quando se viu ameaçado por eles escreveu um bilhete a Mundico, dizendo que se ele pensava em atacar os índios, já era tempo. Manduca diz que viu este bilhete, mas quem poderá dizer se é verdade ou mentira; o bilhete perdeu-se. Contou Manduca que no tempo de Agostin Soares um grupo craô foi até a Serra Geral, fronteira com Piauí e lá sofreu um ataque a bala de um fazendeiro morador daquela região, morrendo vários. O fazendeiro queria vir atacá-los aqui, mas Agostin Soares disse-lhe que os que tinham sido mortos lá, estava bem, mas que ele não viesse atacá-los aqui; o fazendeiro respeitou Agostinho. Mundico e outro rapaz desde cedo pensavam em atacar os índios; todos os outros da família eram contra e só os dois a favor. Manduca viajou, quando voltou soube da mulher que a casa da Ventura estava cheia de jagunços para atacar a aldeia. Manduca então disse que ia até só para ver, pois não conseguiria nada. Chegou lá e de fato havia vários jagunços armados (vários deles ainda andam por aqui em Itacajá); convidaram-no a seguir com eles e Manduca se negou; uma mulher pegou uma arma e gritou para ele: está faltando um homem para este rifle; mas ele não aceitou. os jagunços partiram à quatro horas da tarde. Manduca caminhou um pouco (não lembro se meia hora ou três quilômetros) e encontrou com o Ten. Floriano, da Polícia, com seis soldados já ao encalço de Mundico. Ten. Floriano mandou alguém, que ainda vive em Itacajá, para fazer parar Mundico. Floriano conferenciou licença e lhe deu um prazo para atacar os índios sem obstáculo (três dias disse Manduca, se não me engano). Manduca não sabendo quem ia vencer, se os índios ou os cristãos, afastou-se do lugar com a família. No tempo da prisão dos jagunços, seu

nome foi também na ‘lista negra’ por um portador a Pedro Afonso; no caminho alguém (que Manduca citou pelo nome) viu a lista e avisou que Manduca não fizera parte do massacre. Por isso seu nome foi riscado. Assim mesmo um dia passou perto de um destacamento e foi detido. Diz que foi colocado ao lado de uns índios e convidado a não sair até chegar o tenente Floriano; este chegou mas ninguém lembrava dele até que Manduca pediu para falar e lembrou que lhe tinham prometido soltar quando ten. Floriano chegasse. Este declarou que Manduca nada tinha a ver com o caso do massacre e ele foi solto. Diz Manduca que quando o ten. Floriano conferenciou com Mundico, este já tinha alcançado e matado uns índios, mas ainda não chegaram a aldeia. Segundo Manduca, todos estavam contra a matança dos índios na sua família, menos os dois rapazes. Poder-se-ia muito bem suportar o roubo dos índios. Os índios nunca mataram para roubar e nunca tiraram nada de ninguém a não ser que fosse coisa de comer. Manduca conhece os craôs desde muito tempo; já em 1919 ia à aldeia, que estava no Jordão e aí brincava com eles, corria com tora; parece que então o capitão era o Feliciano {1195}. Agora queixa-se de que o S.P.I. não deixa mais ninguém falar com os índios, que Dodanin não o deixa falar com os índios; por isso não frequenta mais a aldeia. Dodanin não está mais sendo querido dos índios; disse um ‘crente’ a Manduca que Dodanin só é bom na desgraça; quando está bem, não é bom. Quando Colares esteve ameaçado pelos índios, parece que foi Manduca que o aconselhou: o Vau está crescendo, já precisa de um professor; o Sr. e sua Sra. poderiam ir para lá ensinar. Colares foi para o Vau. A sede do distrito era então a fazenda da Barriguda, dos parentes de Manduca. Lá ficava o juiz distrital que fazia os casamentos. A revolução de Pedro Afonso, porém, havia desmantelado a sede distrital. Colares conseguiu mudá-la para o Vau. Manduca contou que sua família era rica, mas agora ele é pobre, mas todos ainda o tomam por rico. Um repórter chamado Fernandes já arranchou em sua casa e lhe deu bastante trabalho. Também uma outra pessoa arranchou lá. Contou ainda que o Cildo Meirelles, no trabalho que escreveu sobre a Craolândia, fala mal de Agostin Soares, mas o que diz é mentira. O Major Tito {1163} realmente existiu e foi morto por Torquato, um preto, vaqueiro dele. Torquato matou-o para ficar com o gado do chefe indígena, mas foi dada parte em Goiânia [lapso na informação: Goiânia não existia nessa época; a capital era Goiás] e a polícia veio prendê-lo. Veio com a polícia um advogado que estava mais interessado no gado do que no preto. A fuga do preto foi combinada no caminho de repente o preto parou meio espantado e alguém (parece que o próprio advogado) disse: — Parece que o Torquato quer fugir! E o preto respondeu: — E vou mesmo! E aí correu para o mato. Os soldados fingiram que o perseguiam e o preto escapou. O advogado ficou então com parte do gado de Tito. Mais tarde, no tempo da revolução em Pedro Afonso, este advogado foi morto por um preto que era o delegado de lá. O resto do gado de Tito ficou com João Grosso, que casou com a viúva deste chefe e comeu todo o gado. O preto Torquato vem a ser o pai de Paulina, que era a mãe de Marcão {195}. Depois da morte de Tito, o preto abandonou a aldeia. Uma das filhas de Manduca, falou que certa vez, visitando a aldeia, um índio mostrou-lhe a casa de Jesus, construída por Dodanin; ali Dodanin punha de vez em quando alguma coisa lá e os índios quando passavam comiam: era Jesus que lhes estava dando. Ora, *Pênô* {158} certa vez me disse que era plano de Dodanin construir a Casa de Jesus, mas falou-me como se Dodanin nunca a tivesse construído e não acreditava que constrísse. Contou-me também a moça que certa vez Dodanin se tornara diretor do Orfanato em Itacajá. Pôs as moças para trabalhar de tal modo que elas começaram a ficar doentes e os pais começaram a tirá-las do estabelecimento. Só ficaram os meninos pequenos. Dodanin punha as moças na enxada todo o tempo e quando chovia de repente elas apanhavam chuva etc. Todos pois falam na super-atividade de Dodanin.

Deixei a casa de Manduca pelas 10 horas da noite no dia 6.”

D1: 727-728 – Itacajá, 12/1/1963.

“Hoje de manhã estive na casa de Manduca, que estava para sair. Alguma coisa do que ele disse anotei na caderneta, inclusive o nome de certos parentes [ver abaixo]. Estava com vontade de mostrar-me a mais antiga tapera da região, dos craôs (que ele chama de Caraôs), a qual fica na beira de um ribeirão que forma uma cachoeira sobre uma pedra preta (fonte da aldeia), que corre para o Manoel Alves Pequeno. A tapera da aldeia, que foi construída sobre o agreste, forma atualmente uma mata de quatro tarefas. Manduca não sabe por que fenômeno toda capoeira de índio ou cristão acaba transformando-se em mata.

Joaquim Leão passou pela casa de Manduca e foi chamado. Contou que foi enviado à aldeia do Galheiro para ajeitá-la. Quando chegou lá, o chefe já era João Noleto {497}. Este adiantou-se em falar com J. Leão que não deixariam aquele local. Ora, naquela época Secundo era o chefe vencido na política. Joaquim Leão começou a tratar bem a Secundo, a prestar-lhe favores, a dar-lhe coisas e João Noleto resolveu então aproximar-se de J. Leão, que dessa maneira conseguiu que os índios mudassem de local para um lugar mais adequado.”

[Mais adiante ainda na D1: 728]:

“Manduca ainda contou hoje de manhã que as roças dos antigos craôs eram muito pequenas.”

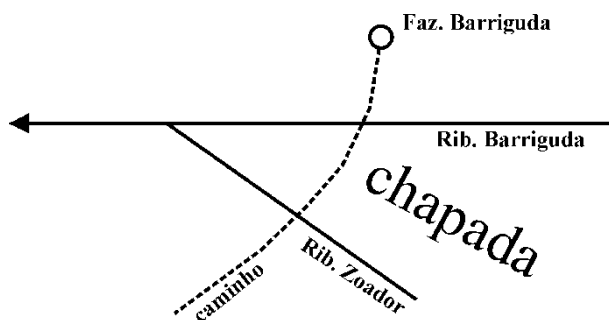
D1: 733-743 – Itacajá, 15/1/1963.

... “e à tarde fui à casa do Manduca. Lá fiquei a tarde inteira e obtive muitas informações, que deixei na caderneta. Aqui só vou registrar o que por uma coisa ou outra deixei de registrar a tempo na caderneta. Vou acabar de narrar a história da briga de Agostin Soares com os Costa; o princípio da história está na caderneta, mas o resto Manduca pediu que eu não escrevesse logo, por certo para ele poder contar mais depressa. Pois bem:

[O começo da história está na Caderneta nº 4 do período 1962-1964, em trecho maior transcrito mais abaixo. Mas transcrevo o início do caso aqui para o leitor não perder o fio da meada: “Clementino ... e Vicente Costa é que mataram Serafim (velho), uma mulher velha (mulher do Serafim), uma cunharé grávida, e um rapazinho e puseram fogo na aldeia e não ficou semente para nada. Os índios estavam no cocal de babaçu (ou na Paciência ou nas Flores, na margem do Manoel Alves). Fizeram isso porque os índios estavam atacando o gado deles. Depois disso foram embora para o Maranhão: tinham fazenda no M. A. Pequeno, daqui para cima, o informante não sabe onde. Os índios continuaram a matar gado, de todo o mundo. Matavam como se fosse um veado, uma vez ou outra. De lá veio algum e viu que estavam matando gado. Juntaram jagunços no Maranhão e vieram, Clementino ... e Vicente Costa. Disseram que vinham receber o gado que Agostin devia, pois os cabocos comiam gado por ordem dele. Exigiram um documento de viver bem com eles e mais doando a fazenda Ventura e Japão de pagamento pelos prejuízos que os índios deram. Agostin, sem apelo, assinou. E soltaram Agostinho. Pegaram o gado todo da Ventura e tocaram para a fazenda Japão onde era vaqueiro Lourenço Campo. Agostin era vaqueiro do Cel. Bernardino Pereira de Aquino (do outro lado do Manoel Alves Pequeno, na frente da ponte). Clementino seguiu Agostinho para matá-lo em Boa Esperança.”]

Clementino veio junto com Agostinho Soares para matá-lo. Pediu-lhe que o levasse até o primeiro povoado para que pudesse voltar ao Maranhão. Agostinho percebeu-lhe a intenção. Ao chegarem à fazenda de Boa Esperança Agostinho começou a procurar evitar

a morte: disse a Clementino que o primeiro ponto povoado ficava a 20 léguas e que aquele animal em que estava não aguentava o caminho e era preciso buscar outro animal no campo para a viagem. Clementino não deixava Agostinho: se ele ia banhar-se, ia atrás; se ia para um lado, ia atrás; se ia para outro, ia atrás. Havia uma rapaz na fazenda a que Agostinho mandou buscar o cavalo com a ordem seguinte: se encontrasse o animal, ao invés de trazê-lo, empurrasse-o, espantasse-o para mais longe, cada vez mais longe, mas não o trouxesse. E foi o que o rapaz fez: saía de manhã, campeava, voltava para almoçar e dizia não ter encontrado o cavalo; foi assim uns três dias. Clementino também estava acompanhado de um rapaz. A poucas léguas de Boa Esperança (se não me engano, 1,5 légua) ficava a fazenda da Barriguda. Aí, entre outras pessoas, morava a mãe de Manduca (que ainda não tinha nascido) e uma irmã dela, que era meretriz (ao falar nisso Manduca disse que era até uma vergonha contar isso, mas como eu estava interessado...). Clementino, que era grande apreciador desta última, marcou um encontro com esta, não sei como, na própria fazenda da Barriguda. Não me lembro mais como Agostinho escapou mas parece que Manduca contou assim: os índios souberam do que estava acontecendo e não ficou um só na aldeia, nem mesmo galinha. Os índios se apresentaram em Barriguda e um deles arrebatou Agostinho na Boa Esperança, trazendo-o para entre os índios: aí então se ofereceram para atacar os Costa — Manduca fez questão de frisar que não foi Agostinho que chamou os índios, mas estes é que se ofereceram a fim de poderem vingar a morte dos índios (Serafim e outros) que os Costa tinham matado. Agostinho aceitou e logo voltou a Boa Esperança para entreter Clementino, dizendo-lhe que no dia seguinte partiriam para onde ele queria. De noite Clementino foi encontrar a meretriz, acompanhado do rapazinho. Na Barriguda os índios, entocaiados, os esperavam; a mãe de Manduca descobrira que sua irmã ia encontrar com Clementino e avisara; por isso uma cilada lhe era preparada; nem a meretriz sabia disso. A fazenda da Barriguda fica ao lado do Rib. Barriguda, que, se não me engano, corre para o Manoel Alves Pequeno. Há um pequeno regado [regato?] que tanto no inverno como no verão corre com a mesma quantidade de água e devido à constituição especial de seu leito faz com um barulho característico: por isso é chamado Zoador e desemboca no Rib. Barriguda. No ponto de encontro dos dois ribeirões se acaba uma chapada que se estende por léguas. O caminho que Clementino tinha de fazer para chegar à Barriguda vindo de Boa Esperança atravessava os dois ribeirões:



Nos dois pontos de travessia, no Barriguda e no Zoador se entocaiaram os índios. Clementino veio à noite; atravessou o Zoador sem nada perceber e quando foi atravessar o Barriguda, foi atacado. Voltou, na travessia do Zoador foi atacado de novo. Foi ferido por bala, não sei se no primeiro ou no segundo ataque. O rapaz que o seguia, não sei se foi atacado ou não, mas o fato é que fugiu pela chapada que fica entre os dois rios e, sendo perseguido pelos índios, foi morto. Clementino, bom cavaleiro fugiu recuando pelo mesmo caminho, parece. Um índio de nome Antoninho (parece que Manduca disse que

foi o mesmo que feriu Clementino) saiu correndo atrás de Clementino, mas com a espingarda desarmada. Clementino estava com uma garrucha (revólver de carregar pela boca) armada. Cada vez que o índio fazia menção de pegar a rédea do animal, Clementino fazia menção de atirar e o índio recuava. Isso aconteceu várias vezes. O índio não atirava porque sua espingarda estava descarregada e o Clementino não atirava por não querer desarmar-se. Por fim o índio cansou e voltou. No dia seguinte os índios puseram uma cachorrinha no rastro de Clementino. Foram seguindo; primeiro deram com um gibão (paletó de couro) sujo de sangue; mais adiante encontraram o guarda peito; a seguir encontraram o cavalo (vivo ou morto?). Tinha entrado no mato. Os perseguidores entraram no mato, seguindo a cachorrinha. Foram indo até que chegaram a uma depressão do terreno, em um lado da qual havia uma pequena caverna. A cachorrinha desceu a depressão e parou latindo diante da entrada da caverna. Clementino estava lá. Os índios não queriam entrar na caverna porque sabiam que ele estava armado. Ficaram procurando um modo que [de] pegá-lo. Até que Clementino falou de dentro da caverna. Pediu que não o matassem porque ele já estava quase morrendo. Um índio pulou na depressão e apontou a espingarda para ele. Clementino não procurou defender-se e apenas cobriu o rosto com o chapéu; o índio atirou matando-o. Em seguida ele ou um outro índio disse: — Assim como Serafim e outros índios ficaram para os urubus, este homem também ficará (mais tarde, porém, Agostinho ou outro, não me lembro bem, enterrou-lhe os ossos).

Enquanto isso acontecia, chegara na fazenda do Japão Vicente Soares e seus jagunços. Mostrando a Lourenço Campo, vaqueiro, o documento assinado por Agostinho Soares, exigiu-lhe todo o gado da fazenda. Lourenço Campo não sabia escrever mas conhecia a assinatura do patrão. Começou pois a recolher o gado para entregá-lo. Quando lhe deram uma folga, mandou um estafeta para Agostinho Soares. Depois de recolher quase todo o gado, Lourenço Campo avisou aos Costa que só faltava três cabeças de gado e se eles ainda quisessem ele ia buscar e se não quisessem, podiam ir embora. Eles ainda queriam estas cabeças. Por isso o vaqueiro foi para o campo, mas daí fugiu para o lugar onde estava Agostinho, avisando-lhe, contando-lhe tudo o que se estava passando. Agostinho lhe disse que podia até entregar as três cabeças de gado restante mas que tomasse cuidado com sua família porque em tal dia marcado, às sete horas da noite a fazenda ia ser atacada. Lourenço Campo voltou. Entregou o gado restante e depois deu a seguinte desculpa aos Costa: — Eu já lhes entreguei todo o gado; nada mais tenho de fazer aqui; minha família está com medo dos Srs.; quer ir para a roça; os Srs. me dão licença. A família do vaqueiro foi para a roça. O vaqueiro ficou com os ladrões de gado. Era um homem calmo. Os cachorros presentiram os índios: começaram a uivar, a latir a ficarem inquietos. O vaqueiro dizia: — Não sei o que estes cachorros têm hoje! E batia nos cachorros para ficarem quietos, repreendia-os. Afinal buzina e disparos avisou aos ladrões que estavam cercados. Os homens, nus, se penduram como puderam nas traves do telhado, deixando roupas no chão e paus dentro das redes para enganar os atacantes. Balas e flechas caíam no chão, nas redes, mas não pegavam ninguém. Até que o índio Antoninho, já citado, entrou na casa, agrediu um dos ladrões, lutou com ele corpo a corpo mas ninguém conseguiu baleiar ou furar o outro. O índio saiu da casa e avisou aos atacantes que todos estavam no telhado. Foi então que alguém gritou (Manduca disse o nome, mas eu não me lembro): — Vamos pôr fogo nos quatro cantos da casa! Quando os atacados ouviram isso, correram todos e montaram os cavalos, que já estavam amarrado (Manduca acha que já estavam prevenidos), em pelo e fugiram. Nunca mais se os viu. Exceto Vicente Costa que foi-se esconder, pedindo asilo a João (ou Zé) Paulino (parece que antepassado do atual Mané Paulino). Este avisou a Agostinho (parece que foi assim) e ficou entretendo [pouco legível] o foragido lá até que apareceram dois índios, pedindo

que o entregasse. Paulino foi buscar o homem na roça para ir para sua casa, dizendo não haver perigo. Os índios tinham combinado com Paulino atirar no caminho que ia para casa, num lugar bem limpo. Recomendaram a Paulino para não ir junto do homem porque os projéteis poderiam se espalhar e pegá-lo também. Quando a vítima chegou no lugar marcado (há o episódio do índio que balançou o pé de buriti novo, atrás do qual se escondera, mas que não sei contar), os dois índios atiraram no homem, matando-o. Os outros que sobraram, nunca mais apareceram.

Os índios dessa época, não queriam muita coisa: era sal, fumo e carne de gado. Agostinho Soares, embora não pertencesse a nenhum serviço de índios, tratava os craões melhor do que qualquer outro tem tratado. Sabia manobrar com os índios. Quando os índios estavam atacando muito o gado, comprava-lhes o lugar da aldeia pagando-lhes em gado e os índios mudavam para outro lugar. Foi o que aconteceu quando Agostinho ficou com a aldeia do Jordão, dando-lhes em troca o local da fazenda Pedra Branca: neste caso foi para os índios não matarem gado de outros fazendeiros. Agostinho Soares era homem que andava sem adorno, sem paletó e sem sapatos (mas de chinelos); ia de fazenda em fazenda; não tinha quitas [palavra ilegível]: se o cavalo estava magro, punha-o no campo e comprava outro. Não vendia boiada; vendia a cada comprador umas cinco cabeças de gado. Sempre aparecia comprador e ele ia tirando cinco cabeças de gado para um e na outra fazenda cinco cabeças para outro. Não fazia benfeitorias. A casa da fazenda só tinha telhado; as paredes, o vaqueiro que fizesse. Vivia de fazenda em fazenda e mal o vaqueiro percebia, já estava ele chegando, já tocando o gado na frente. Não gostava de dinheiro miúdo e nem de notas velhas; não as recebia. Comprava sempre novilhas com o que recebia, pois não guardava dinheiro; dava pelo gado quanto queria: se gostava de uma novilha de 50 mil réis, pagava 100 mil réis. Sempre pagava mais caro pelo gado. Era homem correto. Quando aparecia cria de outros rebanhos, Agostinho não ficava com ela; se o vaqueiro quisesse ficar, que ficasse. Conhecia cada rês e cada malhada de sua propriedade. Quando ficou velho, Mundico e Marcelino, seus filhos, passaram a vender boiadas; o velho não queria entrar em choque com o filhos e não brigava por causa disso, mas não era de seu gosto. Parece que esses dois filhos acabaram um pouco com a riqueza do velho. Enquanto fosse vivo, não permitiria um ataque aos índios, aos quais sempre dava gado, sal... Se Mundico atacou os índios foi porque se acreditou seguro: em Pedro Afonso era juiz substituto um rábula chamado Cândido Torres. Este era parente e sogro de José Santiago. O próprio caso do Ten. (era tenente?) Floriano, que veio para ajudar Mundico (veja-se páginas anteriores deste diário) está ligado a esse fato. Depois porém as autoridades ficaram com medo das consequências e mandaram prender Mundico. Foi combinado entretanto que este não as acusasse, que elas trabalhariam para a sua liberdade; e ele nunca acusou ninguém chamando a si sua inteira responsabilidade. Mesmo depois desse caso os índios pediram licença a Mundico para irem a sua casa e a licença foi concedida; Mundico deu-lhes duas reses. Mundico não gostava de Marcão {195}, o qual mandava matar gado, mas ia bem com o povo do Gabriel {33}. Quando do ataque, Marcão estava viajando para Goiânia.”

D1: 743-744 – Itacajá, 15/1/1963.

“Manduca disse que está procurando se afastar dos índios. Ele é pobre, dá o que tem, mas não pode comer uma coisa vendo o índio olhar. Porém os índios não reconhecem. Quanto mais recebem, mas querem receber. Não agradecem.

Falou ainda de Dodanin que certa vez reuniu os homens que moravam nas terras do ‘circo’, e com a bandeira nacional, tomou-lhes as armas e humilhou-os. Dodanin, quando encarregado do Posto, não conversava mais com o pessoal com quem lidava no tempo em que fora diretor do Orfanato. Andava de revólver e todo embalado. Metia medo.

Manduca sabe falar sobre Mundico, mas nada sabe sobre Santiago.”

D1: 745-746 – Itacajá, 16/1/1963. Informação de Pimentel.

“Pimentel chegou aqui em 1938. Ele como outros daqui são do Maranhão; a população rural é quase toda maranhense (ou de fora de Goiás). Vinda do sul de Goiás não há nenhuma família por aqui. O fundador da cidade foi um pastor protestante [Colares]. Um empregado deste pastor tomou parte no ataque que fizeram aos craôs; tomou parte porque quis. Logo aproveitaram para acusar o pastor de conivente com o massacre; mas este se defendeu muito bem da acusação.”

D1: 748-751 – Itacajá, 17/1/1963.

“Hoje pela manhã fui procurar Joaquim Leão em sua casa; ele porém ainda não havia chegado (agora ao findar da tarde eu soube que ele chegou). Atendeu-me sua esposa que me deu as informações que pedi. O que registrarei aqui será apenas o que deixei de escrever na caderneta [ver mais abaixo]. Dos encarregados que conheceu, D. Maria Leão achou todos bons, com exceção de dois: Luís do Quadro e José Tavares, que segundo ela não prestavam. José Tavares chegou mesmo a entrar no Orfanato em hora inadequada com más intenções e foi por isso que chocou-se com Dodanin. As intrigas que fizeram Dodanin deixar o S.P.I., segundo D. Maria Leão, foram tramadas por este José Tavares.

D. Maria acha Marcão {195} um índio distinto: não pede. Os índios daqui, quando a gente dá, estão bem com a gente; porém quando se não lhes dá nada, ficam zangados. Outrora Joaquim Leão gastava metade de seu ordenado dando coisas para o índio. Agora D. Maria teme ir para a aldeia porque Joaquim Leão recebe 25 mil cruzeiros por mês e com este salário pequeno nada pode dar aos índios e com isso podem ficar difíceis suas relações com os índios. Outrora davam inclusive uma merenda ao meio-dia, diariamente para que os meninos viessem à escola. As aulas iam das 8½ até as 12 horas (disse também em outra ocasião que as aulas duravam duas horas). Às vezes os meninos não vinham porque iam caçar. Antes da aula iam de casa em casa para chamar os meninos; estes os iam acompanhando até entrarem na escola, que ficava dentro da aldeia. Parece que Joaquim Leão e D. Maria nunca deram aula aos craôs fora da aldeia.

Os índios craôs nunca se converteram porque são muito apegados aos costumes de sua tribo e não querem deixar de fumar etc. Só houve um caso de craô que recebeu batismo dos batistas: foi uma irmã de Zezinho (*Wakêt* {133}), filha de Alexandre {1057}, criada pelo Pastor Francisco Colares. Esta moça casou com civilizado. Parece que D. Maria disse que depois ela abandonou o marido. A índia acabou sendo levada pelos padres a um convento. A moça tinha-se convertido à religião Batista, mas acabou sendo levada para o convento (é freira?). Se não me engano, ela está em Porto Nacional. Segundo D. Maria, se os craôs se convertessem não estariam no estado em que estão, doentes, pois sempre Deus os protegeria. A situação do índio seria melhor se cada um tivesse uma dependência mas têm tudo em comum!

Os índios atuais são fracos; agora cavam o toro quase até o centro. Outrora não! Quase não cavavam. E corriam até duas léguas!

O Pastor Samuel assomou à janela pelo lado de fora. Falou que o S.P.I. tem ciúme: os funcionários ficam zangados quando os batistas dão remédios aos índios, mas o próprio S.P.I. não dá! O pessoal daqui está esperando os índios morrerem para tomarem conta das terras. Com tantas terras boas, só falam nas terras dos índios. E têm raiva do Dodanin porque defende essas terras. Ora, Dodanin pelos recursos que tem em sua propriedade é um homem rico e só tem prejuízo trabalhando no S.P.I. como o Jades tem prejuízo se for prefeito de Itacajá (no seu trabalho ganha 150 mil cr. mensais; muito mais do que sendo

prefeito). Agora, quando o Dodanin tomou posse, pessoas que tinham animais no ‘circo’ logo os retiraram, independentemente de intimação porque sabem como é o Dodanin.

Aliás conta D. Maria que quando Dodanin, com ordem da Inspetoria, retirou os moradores do ‘circo’ tanto estes moradores não ficaram gostando disso, como os próprios índios, pois — eles não compreendem — acham que os moradores, estando dentro do ‘circo’ podiam dar-lhes coisas.

O Pastor Samuel diz que o pessoal daqui considera os índios irracionais.”

D1: 752-755 – Pedro Afonso 19/1/1963.

“No dia de ontem [18/1/1963], em Itacajá, acabei de preparar meus embrulhos de manhã. Depois, à tarde, fui despedir-me das pessoas conhecidas. Não pude esquecer do Manduca. Este ainda me contou uma série de coisas interessantes sobre a morte de feiticeiros. Estes índios já mataram por causa de feitiço a Cará {1148}, Alexandre {1057}, Chico Cornélio {1118}, Miguel, Raimundo Soares (não me lembro se o sobrenome era bem este), Chicô (ou Chicú). Conta Manduca que os índios estavam resolvidos a matar Chicô, saíram com ele da fazenda de S. Roque. No caminho pararam para descascar e chupar laranja. Chicô descascou sua laranja e um índio então pediu-lhe a faca para descascar a sua e assim, propositalmente desarmou-o. Chicô não desconfiou de nada; chupava sua laranja. Enquanto isso outro índio, de cacete na mão, aproximou o cacete da cabeça de Chicô para ver se a alcançava; como isso não acontecesse, aproximou-se mais e mediu de novo; ainda não dava para acertar o golpe; aproximou-se mais e mediu: a posição estava boa: levantou o porrete e prostrou morto Chicô com um golpe na cabeça. Em seguida pegaram o corpo do morto e colocaram numa gruta (gruta), jogando um pouco de terra por cima. Acha Manduca que foi então que eles, temendo alguma vingança, imediatamente foram ao acampamento e acabaram com a vida do filho de Chicô. Pois bem; algum tempo depois, Everton (não me lembro mais o sobrenome), proprietário da fazenda de S. Roque, saindo a caçar e estando à procura de um tatu ou alguma coisa semelhante, achou a cabeça de Chicô, já desprovida de carne. Apanhou-a e trouxe-a para casa. Um dia uns índios vieram buscar, pedir alguma coisa em sua casa; enquanto eles apanhavam as coisas, Everton saiu escondido e pôs a cabeça de Chicô, no alto espetada num pau (no curral?). E depois perguntou aos índios: — Que cabeça é aquela? É de algum macaco? Os índios nada disseram, espantados, e foram embora. Mais tarde voltaram e pediram a Everton para tirar a cabeça, pois aquilo não prestava para nada e que a jogasse no mato. Compare-se pois o comportamento de Everton, brincando com uma cabeça de índio com o comportamento do indivíduo que enterrou os ossos de Clementino; este era inimigo, mas cristão e mereceu ser enterrado; Chicô era amigo, mas índio, e podia-se pois brincar com a sua cabeça.

Manduca conta que um índio chamado Massalo {1016} sabia muito bem imitar, arremedar, Bertoldo {1065} (irmão de Chiquinho {329}), no caso da morte de Miguel e Raimundo (Soares?). Foi Bertoldo que mandou matá-los e eles eram irmãos. Na hora que os estavam matando, as mulheres de Miguel e de Raimundo saíram correndo a falar com Bertoldo, pedindo-lhe que não deixasse matar os dois homens, que eram pais de filhos e precisavam criá-los. Bertoldo começou pois a repreender: — Não matem esses homens; por que estão fazendo isso; não veem que eles têm filhos para criar? E no entanto tinha sido Bertoldo quem autorizara a morte deles. (Era pois Bertoldo repreendendo os assassinos que Massalo arremedava).

Quando Cará {1148} foi morto, veio um sargento (se não me engano), um cabo e um soldado prendê-lo [isto é, prender Marcão {195}]. Prenderam-no na aldeia (diz Manduca que foi no tempo do Cândido e que foi este que mandou prender). Trouxeram-

no para Itacajá e foram prendê-lo, talvez por menos de um mês em Pedro Afonso. Prenderam-no por ter sido o autorizador do crime, mas não prenderam o assassino, João Delfino {201}. Em Itacajá os policiais se hospedaram com Marcão na pensão de D. Maria Beleza. Manduca foi visitá-lo. Marcão então pediu licença ao sargento para retribuir a visita e este consentiu. Marcão estava, de ordem da polícia, incomunicável com os índios. Estes em Itacajá, andavam pelas esquinas, olhando, espiando o que iam fazer com Marcão, mas pacificamente. Quando viram Marcão ir para a casa de Manduca, começaram a ir para lá. O sargento então pediu licença a Manduca e tirou os índios da casa. Marcão contou a Manduca que sempre os índios vinham pedir-lhe para deixar matar Cará e ele não deixava; até que depois de tanto pedido, cansou-se e deu permissão.

Disse Manduca que estes índios, depois que matam o feiticeiro, costumam queimá-lo. Entretanto só soube citar dois casos em que os feiticeiros assassinados foram queimados: Cará {1148} e Chico Cornélio {1118}. Disse também que achava que o matador de Chicô tinha sido Alfredo {1236}, irmão de Gabriel {33}. Manduca conheceu Chico Craô {1250}, que também foi morto.

Contou Manduca que, sendo pobre, e tendo 12 filhos, procurou certa vez emprego no S.P.I. para obter mais uma renda que o ajudasse. Não conseguiu. Afinal de contas ele sempre ajudou aos índios, diz ele, e nunca teve reconhecimento. Agora não quer mais emprego no S.P.I.

Diz Manduca que conheceu estes índios ainda vivendo nus; os homens, quando chegavam à fazenda cobriam as partes genitais com folhas de pati. As mulheres punham uma folha na frente, pendurada no fio que usavam na cintura. Quando iam embora, abandonavam esta cobertura.”

D1: 756-757

[Sobre a tentativa de grilagem sobre o território indígena por Jesus Cordeiro].

D1: 758-759 – Pedro Afonso 19/1/1963.

Aliás J. Leão ontem [18/1/1963, em Itacajá] esteve me contando que Ambrosinho {221} é um índio um bocado exigente em questão de dádivas. É opinião de Joaquim Leão que tanto o S.P.I. como os missionários acostumaram mal ao índio fazendo-lhe crer que ele só deve receber e nunca fazer por onde adquirir as coisas. Já o Manduca disse-me que foi depois da saída de Zacarias e Colares que os índios passaram a roubar mais gado (matavam e até passavam com o rabo do gado para o vaqueiro ver — antes só matavam escondido); isso seria talvez, segundo Manduca, não porque os missionários aconselhassem ou mandassem os índios fazer isso, mas porque eles devem ter ensinado aos índios que o governo estava do lado deles, que nada lhes aconteceria de mal, que estavam garantidos. Seria por isso que houve o massacre. Aliás diz Joaquim Leão que depois do massacre as autoridades já estavam recebendo suborno dos matadores e se Colares não comunicasse a situação ao Presidente (Getúlio Vargas) talvez as coisas ficassem por isso mesmo.”

D2: 119-120 – Aldeia de Boa União, 9/10/1963.

“Ambrosinho {221} estava explicando que é parente de cristão. Os moradores do *Wôcrã* (Morro do Chapéu) viviam assustando os índios, querendo tomar-lhes os meninos. Um padre trouxe os índios em canoa grande para Pedro Afonso, onde fez aldeia grande. A casa do padre ficava no meio da aldeia. Viviam em mistura com os cristãos. A mãe de Ambrosinho era muito bonita e um cristão, Pedro Correia, vadiou com ela; aí o

Ambrosinho já estava crescendo na barriga da mãe, quando o *Pãnãrã* {316} casou com ela.

Ambrosinho se diz Krutkateiê ou Krinkatire; diz que Chiquinho {329}, Manoel Bertoldo {371}, Gabriel {33} são a mesma coisa. No Galheiro há poucos Mãkrare, quase todos são xerentes.

Primeiro governavam esta aldeia Chiquinho e Bertoldo {1065}. Como estavam muito velhos, Luís Balbino {1120} começou a ajudá-los. Mas ele morreu no ataque à aldeia. O governo através de Manoel Perna, mandou escolher outro chefe e Chiquinho escolheu a Ambrosinho. Este é filho do ‘irmão’ longe daquele.

Cícero perguntou-me se sabia alguma coisa quanto à expulsão dos habitantes aqui da terra. Soube que sua mulher é filha do Luís Romão e Catarina {555?} e, portanto, aparentada aos índios. O próprio Cícero vem a ser parente do Chiquinho.”

D2: 147-148

[Já transcrito no texto sobre o massacre de 1940].

D2: 150 – Aldeia de Boa União, 12/10/1963.

“Diniz {303} conta que lá no Morro do Chapéu brigava-se com Gavião, com Apinayé, com Canela, com Mãkrare. E um padre Rafael levou um pacote grande. Naquele tempo não tinha motor. E levou toda a aldeia. Chegou em Pedro Afonso. Fez aldeia bem em Pedro Afonso. Esse padre não comia muito não, só pouquinho. Fumava um cachimbo comprido e tinha barba grande. Criava muito pombo. Na hora de fumar chamava os meninos: — Meu filho, acende o meu cachimbo. Na hora que o índio ia caçar do outro lado do Tocantins, havia duas canoas para atravessar. Caçava lá e uma hora dessa (de tarde) vinham correndo. Diz que ficavam na beira do rio e iam rezando (fazer ‘Em nome do Pai’) de modo que bicho feio não os pegasse a nenhum. Aí a canoa ia lá e atravessava. Fernando e Papa-mel contavam. Sabiam remar porque moraram em Pedro Afonso. A aldeia veio mudando pouco a pouco para cá. Diniz nasceu no Vão do Zacarias.”

D2: 151-152 – Aldeia de Boa União, 12/10/1963.

“*Tepjêt* (Diniz) {303} me contou que há muitas palavras diferentes na língua do Galheiro mas só conseguiu lembrar de duas: anzol no Galheiro é WA e aqui é AIIÓ; lá pau de leite é AIROMHÔKÔ e aqui é AROMHÔKÔ. Ambrosinho {221} disse que antigamente a língua de lá era um pouco diferente, mas agora é igual. Primeiro era uma aldeia só do outro lado do Manoel Alves Pequeno. Veio para o lugar onde está o *Pênõ* {158}. Aí mataram curador e os parentes dele ficaram zangados e criaram a aldeia do Galheiro. Depois o lugar onde puseram a aldeia tinha muita pulga e Cabeceira Grossa se separou do *Pênõ*. Os xerentes começaram a chegar no Galheiro. Um índio do Galheiro levou veneno a um curador da aldeia de Cabeceira Grossa, que começou a matar todo o mundo. Mataram o curador e mudaram a aldeia, que começou a aumentar de novo. Agora Chiquinho {329} separou-se com medo de curador. Ambrosinho não tem medo de curador. Só morre quando Deus quiser.”

D2: 174-175

[Referente à morte do curador Alexandre {1057}, caso F do capítulo 8 de minha tese].

D2: 192-193 – Aldeia de Boa União, 18/10/1963.

“Ambrosinho {221} acha que logo depois de Tito {1163} começaram a governar Chiquinho {329} e Bertoldo {1065}. Disse também que ignora os chefes que governaram no intervalo entre aquele e estes últimos. Depois chegou Luís Balbino {1120} da aldeia Canela, casou aqui e pediu a Chiquinho e Bertoldo para ajudá-los. Foi ao Rio e arranhou patente com o governo. Chiquinho então só o orientava. Depois os cristãos atacaram a aldeia e mataram o Luís Balbino. Manoel Perna (Ambrosinho diz ‘Perto’) veio governar o território indígena. Ele era filho do pai de Tito. Era amigo do índio. Quando os índios iam a Carolina, arranchavam na casa dele. Ele queria fazer posto perto da casa de Ambrosinho. E saiu por reclamações do Marcão. No tempo deste Manoel Perna, o governo pediu outro chefe, mais novo, para governar a aldeia; este chefe iria ganhar dinheiro. Chiquinho escolheu Ambrosinho.”

[Daqui segue mais um trecho que está no meu trabalho sobre o massacre de 1940].

D2: 383 – Aldeia do Posto, 17/11/1963.

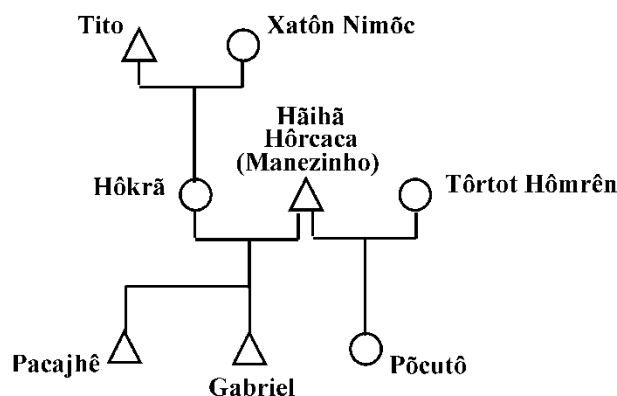
Segundo Aniceto {10}: “No tempo de Ambrósio e Vicentão os velhos não se importavam com viagem não. Só faziam farinha e iam em balsas até Carolina, para vendê-la e também arroz, milho, pacutus, esteiras. Lá compravam então espingarda. Não se tirava [couro] de caça; sapecava-se tudinho; Aniceto ainda pegou esse tempo em que se sapecava couro; morava na aldeia do Vão (no caminho do Marcão {195}). Ele ainda pegou o tempo em que os índios desciam de balsas. Chiquinho Velho {329} gostava de navegar em balsas. Os novos estão todos preguiçosos, não trabalham, mas os velhos eram trabalhadores. Vendiam feijão, arroz, tudo. De primeiro os velhos faziam brincadeira, mas trabalhavam. De primeiro obedecia-se ao capitão; os novos, é algum que obedece ao capitão. O capitão dava pisa (surra) se nós não fôssemos para o serviço. A prefeitura é o pátio. Na aldeia velha, no caminho do Marcão, se apanhava muito. Naquele tempo se tinha todas as coisas. Outrora não havia encarregado. O ‘diretor’ era Manoel Perna. Quando os índios iam a Carolina, arranchavam na casa dele.”

D2: 405 – Aldeia do Posto, 20/11/1963.

Antônio Pereira {119} “Contou-me também que o Major Tito {1163} foi morto em Sta. Cruz, do outro lado do Riozinho, na sua fazenda. Veio um kupen, pediu água, bebeu, sentou. Acenderam lamparina. Momentos depois o kupen matava o Major Tito em sua própria casa (da fazenda). A mulher dele correu. Era um kupen só mas os índios não lhe fizeram nada (a aldeia ficava aqui perto), porque ficaram com medo. O kupen desceu numa barroca e aí estava carregando a espingarda de novo, dizendo: — Vem, pode vir, que você vai morrer. E não foi índio nenhum. Os índios trouxeram um bocado do gado dele para a aldeia e os cristãos também levaram um bocado. O Major Tito foi criado entre os kupen, cresceu e veio para a aldeia, por isso era assim sabido, ladino mesmo. Tinha três vaqueiros. A. Pereira contou que Gabriel {33} disse que do outro lado do rio Vermelho há duas fazendas do Major Tito.”

D2: 429-430 – Aldeia do Posto, 24/11/1963.

“De manhã fui à casa de Gabriel {33}. Quer ele que eu faça um escrito para que ele leve a Riachão, onde se encontram sobrinhos do velho Major Tito {1163}. Talvez ele arranje com esses sobrinhos umas dez cabeças de gado, porque está velho, não serve mais para caçar e pode, desse modo, beber leite. Gabriel {33} liga-se a Tito da seguinte maneira:



Perguntei a Gabriel se ele era filho do Agostinho Soares. Ele respondeu que não sabe; talvez seja, há quem diga que é; Manduca só o chama de cunhado. Talvez, diz ele, sua mãe tenha tido relações, escondido, com Agostin Soares. O pai dele (Gabriel) não podia contar, mas se sua mãe fosse viva, ele perguntaria a ela de quem é filho e ela responderia.”

D2: 458 – Aldeia do Posto, 28/11/1963.

“Ontem [27/11/1963] de tarde estive na casa de A. Pereira {119}; este estava fazendo cinto de fio de tucum para Txahu {192}, filha de Anicetinho (Mampok) {189}. Aniceto sabe fazer o cinto, mas faz ruim; e está com preguiça, segundo A. Pereira. As meninas começam a usar quando estão do tamanho de Prurê {113} (neta de A. Pereira) e só deixam quando têm filho. Aniceto vai pagar-lhe caçando um caititu ou veado e dando-lhe toda a carne. A. Pereira lamentou que as mulheres hoje só usam o cinto dois ou três dias e o deixam, não o vestem mais. Antigamente usavam todo o dia e não tinham pano. Sua mulher usava sempre. Os rapazes de hoje não põem mais rodas nas orelhas. Antigamente as rodas auriculares eram maiores.”

D2: 461 – Aldeia do Posto, 28/11/1963.

“Segundo Esteves {53}, os capitães dessa aldeia foram: 1) Tito {1163} ... 2) José Grosso (tio de Gabriel {33}); 3) Vicentão e Feliciano {1195}; 4) Gabriel e Delfino (*Wapej Teptyc*) {1004?}; 5) Marcão {195}; 6) Pedro *Pênõ* {158}.”

D2: 561-567 – Aldeia do Galheiro, 12/12/1963.

“*Cacro* {447} ficou em casa de manhã. Segundo ele, os primeiros xerentes que estiveram entre os craôs foram: o seu próprio pai do pai (Tsarankté {1071}, pai do Pedro *Pênõ* {158}); um outro, que vinha a ser parente do finado Marquinho {1024}; a mãe da mãe de *Xêphi* (*Xêphi* {448} é mulher de *Cacro*). Isso aconteceu num tempo de fome, quando os craôs foram até os xerentes e estes vieram com eles.

Depois desses xerentes veio o grupo em que se incluía o João Noleto {497}: Em 1926 (*Cacro* sabe que foi batizado em 1925 e que os revoltosos [Coluna Prestes] passaram aqui em 1926; daí tira as outras datas) houve uma barulhada entre os xerentes. Queriam matar o pai de *Mrôjanõ* {519} num lugar chamado Batateira, na Panela de Ferro. Havia um velho craô chamado Sotero {573}, que conhecia a língua xerente; a irmã dele era casada com um índio xerente. Ele foi buscar os xerentes em perigo: o velho Chicu (pai do Marco {519}), a mãe da mãe do Marco, João Noleto {497}, o velho Senhorinho, *Waquêdi* {1049}, *Mrãjti* {57}, João Torto, Pedrão {479}, Rodrigues {1215} (morto perto da atual fazenda do Marcão {195}). Chicu tempos depois voltou para lá com a mulher. Marco e João Noleto eram complicados em morte por lá. José *Waquêdi* casou em Cabeceira Grossa. Brigou com a mulher e por isso foi a Carolina, mandou Zé Perna fazer

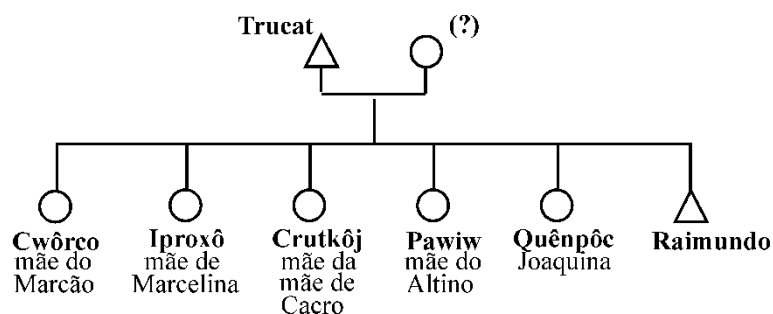
bilhete, chamando Chicu para fazer ‘coisa’. A carta foi. Quando a carta passou por Pedro Afonso, lá estavam índios xerentes que eram contra Chicu. Um deles se prontificou a levar a carta; mandou porém alguém ler; a carta ia para a aldeia de Sucupira: *Zé Waquêdi* mandava chamar Francisco para fazer o ‘remédio’ que fez em Morro Grande (aldeia xerente). O índio que estava com a carta exclamou: — Ah, ele quer acabar com o craô. Vicentão {1020} estava com o pessoal em Pedro Afonso. Chicu vinha trazendo o remédio. *Zé Grande*, xerente de Morro Grande, explicou o caso a Vicentão quando já estavam em S. Roque e pediram para matar Chicu. Vicentão respondeu que não dava ordem, mas também não impedia que o matassem. Mataram então o velho em S. Roque. Foram ao mocó dele e encontraram uma cabacinha com raiz de pau, fechada com um pedaço de cabaça e lacrada com resina. Bastava abrir a cabaça e o veneno mataria aonde chegasse o cheiro. Fizeram coivara grande e jogaram a cabacinha no fogo e ela estourou. Não tinha mais perigo, o remédio virara fumaça. Sucupira, a aldeia do Chicu ficava para lá de Tocantínia. *Cacro* queria ver como matavam um feiticeiro e foi lá, mas quando a coisa ‘ficou preta’ ele voltou sem ter nada visto.

Segundo *Cacro*, o xerente é um povo bom, mas é muito zangado. Os craôs são um povo alinhado e manso. O craô ainda tolera alguma coisa. Por isso o pessoal do Ambrosinho {221} e do *Pênô* não gosta de vir aqui. O Marco {519}, por exemplo, passou na frente da casa do *Cacro* e o cachorro avançou; o menino da casa ralhou com o cachorro e ele voltou; mesmo assim Marco veio correndo atrás do cachorro com um pau. *Cacro* mandou avisar a Marco que era melhor ele mandar matar o cachorro. Com isso Marco se zangou, ouviu-se falar na casa dele, mas não houve discussão com *Cacro*. Agora Aleixo {466} e Marco não passam mais diante da casa de *Cacro*. O cachorro, *Cacro* agora o mantém amarrado.

Poucos xerentes têm vindo depois daquela turma; alguns que chegam voltam. A irmã de *Mrôjanô* {519} ficou com saudade dele e veio com o marido, Pedrinho. A irmã de *Mrôjanô* morreu aqui e Pedrinho casou com a filha de Luís Romão.

Veio um preto de Salvador trazido por Sinharó {490}. A mulher de Sinharó o engana com o preto. Quer fugir com o preto para São Paulo. O preto quer casar com *Crôcarê* {494}, filha de Sinharó. O preto não trabalha; rala pedra e põe num vidro, vendendo aos moradores como remédio. Já perdeu a confiança da vizinhança. *Cacro* quer retirá-lo antes que emporcalhe mais a aldeia. A mulher de Sinharó é filha de Marcelina e irmã da mulher de Teodoro.

Trucat {1159}, preto, no tempo do cativo, escapuliu do Piauí e veio para a aldeia de Forquilha, ficando na casa de Tito {1163}. Havia uma cunhã desprezada pelos índios na casa de Tito. O preto era trabalhador e Tito falou com a cunhã que era bom ela ajuntar com o preto. E assim se fez. Tito era filho de um civilizado (talvez Antônio Coelho, do Riachão) que ao passar pela aldeia, em busca de gado, emprenhou uma cunhã. Quando voltou outra vez, os índios lhe exigiram que sustentasse a cunhã, já que o filho era dele. E ele sustentou. Quando o menino nasceu, pôs-lhe o nome de Tito. O pai passou uma temporada fora e a avó mandou furar a orelha do menino. Quando o pai voltou, ralhou, e levou o menino para Riachão. Estudou lá um ano na escola e voltou para a mãe. Mais tarde voltou novamente para o pai, que lhe deu gado. Quando voltou para a aldeia já tinha uns 10 gados. Como sabia ler e era rico, puseram-no como capitão. Antes de Tito o capitão era Serafim.



Primeiro havia uma só aldeia. Por causa de matança de feiticeiros, realizadas sobretudo por Fernando {1211} e Joaquim Papa-mel {1141}, a aldeia se dividiu. O irmão do pai da mulher de *Cacro* foi para o Canto Grande.

João Noleto {497} não tinha nenhum valor entre os xerentes. Quando chegou aqui o capitão da aldeia era o sogro de *Cacro* {447}, chamado Secundo {1039}. Diocleciano {513} tinha uns 7 anos; o povo ia tirar coisas na roça de João Noleto. A mulher deste, *Wram* {1193}, falou: — Se você fizerem *wyty* de meu filho, eu ainda fico mais aberta para vocês. João Noleto foi ao Rio, lá conversou com o Getúlio, só com empregado, que lhe arranhou passagem de volta. Aqui ele mostrou a guia da passagem dizendo ter sido feito capitão. Índio que faz *wyty*, todos trabalham para ele, quem quiser apanhar gêneros na roça dele apanha e o dono não acha ruim. Mas não se tira demais. O dia que o pai de *wutu* diz que não gostou de lhe terem tirado alguma coisa, o povo vai cismando com ele, até que arremata. O Secundo deu o lugar para J. Noleto porque já estava velho. O S.P.I. pouco depois criou o Posto e o confirmou.

Quanto ao problema Secundo {1039} X Bernardino {1082}, *Cacro* {447} diz o seguinte: havia um índio chamado Pedro Novo que fazia roça muito grande. Secundo quis ir para a beira do Manoel Alves Pequeno, para vender a produção em Carolina, mas Bernardo não queria assim. Desse modo Bernardo se manteve na Aldeia do Pitoró, na confluência do Manoel Alves Pequeno com o Rib. Cala-a-Boca e Secundo transferiu-se para Donzela a meia légua da margem direita, acima do Vau, na serra do Zé Pinto. Com a morte de Pedro Novo, porém, Secundo ficou sem coragem de exportar para Carolina. Com Bernardino ficaram: Altino {1259}, Marco {519}, a mãe de Zé *Capran* e Vicente {521} (o pai destes era Canela, foi procurar presente para dar à sogra e morreu), a mãe de *Cacro*, *Cacro*, João Canuto {428}, Sinharó {490}, Vicente, Zé *Capran* {480} e Felipe {1152}. Eram cinco grupos familiares. Como queriam criar porcos, galinhas e como na aldeia não se cria porque um tange os animais do outro, e como também não faziam mais corrida de tora, resolveram separar-se em quatro casas. Bernardino e a velha Loriania {1154} ficaram separados e o resto veio reunir-se na aldeia do Secundo: — Já vem da natureza, de não estar fora, só! Quando Loriania morreu, vieram seus filhos Felipe, Zé *Capran* e Vicente para a aldeia. Vicente não ficou num lugar e nem no outro: — Com um idioma muito ruim porque não quer ser índio e nem quer ser cristão.

Cacro declara que também tem vontade de sair da aldeia mas assim como ele brincou muito, quer também que seus filhos gozem a aldeia porque seus pequenos gostam de brincar.

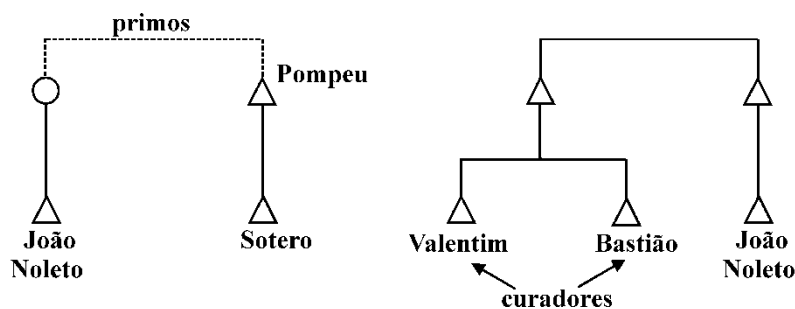
A aldeia do Secundo só tinha as seguintes casas: 1) Secundo com Antônio Joaquim; 2) Pedro Arrepiado {1157}, irmão do pai do Marcão {195}, com Ovídio {1026}; 3) Agostin *Iromtep* {408} com sogra e irmã da sogra, *Pôpro* {1257} (morto no tempo da briga) e *Jûputî*; 4) Porfírio {414} e Pedro Colina {145}; 5) Serafim {387}, com *Trucat* {1251} (irmão de *Tepcaprêc* {25}, da casa de Rondon {22}); [6] João Noleto {497}.

Satiro {543} só volta para a aldeia se o puserem de capitão. Ele é tratado como parente, mas ele não retribui da mesma forma: chama os índios de caboco. *Rômro* {547} queria casar com uma filha de *Cacro*, que concordou, mas o Satiro não quis porque cunhã não sabe e bater roupa, não sabe trabalhar.

A aldeia dividiu-se em 1927 ou 1928. Bernardino era chefe dos cristãos e Secundo, dos índios. Quando há qualquer barulho do lado do cristão, o prefeito não resolve; é o capitão.”

D2: 567 – Aldeia do Galheiro, 13/12/1963.

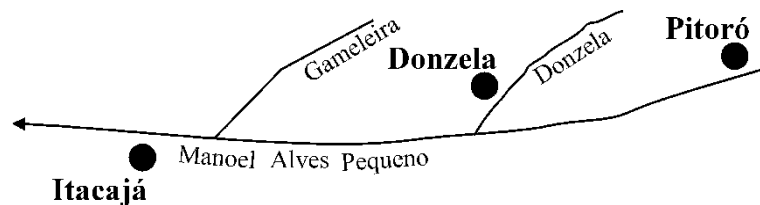
“João Noleto {497} chamou-me ontem [12/12/1963] para almoçar. Durante o almoço explicou-me que veio para cá pequeno ainda. Morou na aldeia do Morro Grande do outro lado do Tocantins. O pai de João Noleto tinha quatro porcos para com eles comprar um engenho; dois curadores irmãos, porque o pai de João Noleto não quis dar porco, mataram-no de feitiço [;] por isso dois irmãos de João Noleto atentaram contra a vida deles mas não conseguiram matar. Houve uma intriga tremenda, mas como eram todos parentes, fizeram as pazes. Mas depois os dois curadores começaram a fazer mal de novo e os parentes de João Noleto se retiraram para cá, trazidos por Sotero {573}, craô, mas cujo pai, Pompeu, era xerente:



João Noleto estranha que os xerentes venham morar aqui e os craôs não procuram a aldeia de lá. Só um craô deixou filho entre os xerentes. Os craôs só vão aos xerentes quando passam para Brasília, mas não vão demorar na aldeia.”

D2: 579-580 – Aldeia do Galheiro, 14-12-1963.

Aleixo {466}: “O povo de Bernardino {1082}, em que estava incluído Aleixo, quando se separou de Secundo, deixou de correr com tora, cortava o cabelo como os cristãos, não usavam mais pau de leite, usavam roupa. Não arrancavam as sobrancelhas. Era assim porque os habitantes eram poucos. Aleixo nasceu fora da aldeia de Secundo, e só em 1940 veio para a aldeia. Lá se falava, entre o povo de Bernardino, a língua dos índios, mas se usava mais o português. Os meninos do Morro do Boi só falam português; falam pouquinho a língua dos índios. Mesmo assim falam o português mal. Aleixo, se só falasse a língua portuguesa, falaria um português alinhado. Aleixo não furou a orelha, bem como João Canuto {428}, Sinharó {490}, Luís (?) e Vicente {521}, porque ao entrar na aldeia já tinha passado da idade de furar. Quanto aos filhos de Aleixo, eles é que sabem se vão furar a orelha; Aleixo não vai mandar e nem impedir. Aleixo diz que é parente do povo de Satiro, mas eles o tratam com o ‘caboco’; não são índios e nem cristãos: são kupenkahogré. *Pi’hôcô* {420}, filho de Satiro {543}, nunca saiu da aldeia: sua mãe não era parente da mãe dos outros filhos de Satiro e ela nunca saiu da aldeia. As aldeias de Donzela (de Secundo) e Pitoró (de Bernardino) ficaram fora do ‘circo’, que foi demarcado posteriormente.



Quando a aldeia de Donzela foi deslocada para dentro do ‘circo’, ocupou os seguintes lugares pela ordem: Galheiro, Sucuriú, Mangabeira, Taquari e Serrinha (aqui). Quando Maybury-Lewis esteve na aldeia, ela ocupava o local denominado Taquari.

A mãe da mãe de Aleixo era irmã de Bernardino. Foi Luís do Quadro que convidou-os a voltar para a aldeia. O gosto de Aleixo é de morar toda a vida na aldeia: — Eu sou índio mesmo, eu não vou roubar o uso do civilizado, eu tenho meu uso, o uso de antigamente, de meus avós. Eu sou civilizado porque eu sou batizado. Essa fala do português eu não largo, porque muitas coisas eu preciso de falar.”

D2: 581-582 – Aldeia do Galheiro, 14/12/1963.

Cacro {447}, depois de enumerar os padrinhos cristãos de seus filhos: “*Cacro* já disse que é melhor largar o batismo, batizar índio é como batizar engenho (aqui os civilizados ‘batizam’ engenho), que não vira cristão. Em 1925 veio o Padre Reginaldo, que batizou *Cacro*. Era um cristão chamado Sancho Moreira, que morava entre Donzela e Pitoró, curador, fabricante de remédio, adivinhador e fazendeiro, que mandava os padres às aldeias. Os índios velhos, querendo receber presentes, deixavam batizar as crianças. O lugar em que morava Santo Moreira [Nimuendaju, 1946 : 26 faz referência a ele, certamente o mesmo Sancho Moreira acima] chamava-se São José. Ele começara pobre, como curador, tornando-se acreditado, foi ganhando dinheiro e comprando gado. Tinha muitos filhos. *Cacro* contou três casos de adivinhação deste homem. Como o padre Reginaldo tivesse matado um ladrão na estrada, foi transferido. Mais tarde passou a aparecer aqui o Frei Gil.

Cacro viu Curt [Nimuendaju] aqui e dele ganhou uma faquinha. Mais tarde foi aos Porquinhos [aldeia apaniecrá] e aí conheceu o filho de Curt, chamado *Pa’pôrô* (Chiquinho). Tinha os cabelos cortados à moda dos índios e as orelhas furadas. Basílio {121} me disse agora à noite que *Pa’pôrô*, rapaz, morreu em 1958.

Cacro trabalhou um ano, quatro meses e oito dias na casa de sua madrinha, digo, do filho de sua madrinha, ganhando um casal de gado: uma novilha de 1927 e um bezerro de 1928. O gado foi-se multiplicando lá mesmo. De vez em quando ele ia dar sal e depois de quatro anos já tinha um magotinho de gado. O *Mrôjanô* {519}, sem ordem, vendeu um garrote por 14 mil réis; com parte do dinheiro Marco {519} pagou uma dívida e com o resto *Cacro* comprou um par de sapatos para ele (nesse tempo usava sapatos, porque vivia junto a Bernardino {1082}). Os cristãos rezavam para o gado de *Cacro* crescer; depois dessa venda, o gado começou a fugir e a morrer até que só ficou uma vaca velha que sua madrinha aconselhou a matar e comer, o que ele fez.”

D2: 595 – Aldeia do Galheiro, 16/12/1963.

“Falando sobre o problema do civilizado na área, *Cacro* {447} disse que eles atacaram as aldeias por causa do roubo do gado. Tanto que de Olivença e de Sta. Cruz foi preciso tirar o gado. Aliás foi em Sta. Cruz que morreu o Tito {1163}, sendo seu matador o Florêncio, embora o *Trukac* {1159} tenha levado a culpa.”

D2: 655-657 – Itacajá, 30/12/1963.

“Salatíel [um morador de Itacajá] contou que a aldeia em 1896 era uma só (ele nasceu em 1894!). Primeiro a aldeia se subdividiu nas de Pedra Branca e Galheiro. Depois a de Cabeceira Grossa destacou-se da de Pedra Branca. O chefe dessa aldeia única era Zé Grosso {1252}, avô de Gabriel {33}. Os índios tinham vindo de Carolina para Boa Vista e daí o Padre os tinha levado, pondo-os nas margens do Soninho. Um povoador dessas terras chamou-os para cá. Na margem esquerda do Manoel Alves Pequeno só havia onças. Foi povoado a muito custo. Os malfeitores do Maranhão vinham abrigar-se aqui em Goiás, onde a polícia maranhense não podia vir buscá-los. O sal era primeiramente buscado em Caxias; mais tarde em Barra do Corda e mais recentemente em Balsas. Os índios andavam nus, tinham poucas espingardas (iam buscá-las no Rio e até mesmo as vendiam aos civilizados). O sal, saboreavam um bocadinho que ganhavam dos civilizados. Só havia fazendeiros e vaqueiros. Os agricultores independentes começaram a chegar mais tarde, por volta de 1920. Cultivavam só para si, raros eram os que queriam trabalhadores. No momento atual porém se precisa dos trabalhadores. Os índios têm aparecido à procura de trabalho agora mais do que anteriormente. Uns são bons, outros preguiçosos, como os cristãos. O povo só teme empregá-los por causa da tuberculose. Diz Salatíel que pôs um índio, até trabalhador, Agostin (*Iromtep*) {408} para apanhar lenha e além de comida e pagamento, ainda teve de lhe dar outras coisas, saindo a lenha mais caro do que se a tivesse comprado. Certa vez Salatíel chamou dois índios para pilar arroz. Pôs o saco de arroz na frente deles e os índios pediram de comer, para poderem começar. Salatíel mandou comprar farinha; ofereceu-lhes então alimento. Depois de comerem os índios abandonaram furtivamente o serviço desapareceram. Aliás o Pastor tinha-me dito de manhã que muitos não gostam de dar trabalho a índio por causa das coisas que somem durante o serviço.

De noite visitei Joaquim Leão. Não encontra ele diferença alguma entre a língua do Galheiro e a das outras aldeias. Disse que Zacarias abandonou a aldeia desentendido com os índios. Joaquim Leão, que trabalhava com ele junto com os de Cab. Grossa, foi chamado para Pedra Branca por Colares. Com Zacarias, Joaquim Leão dava aulas numa escola mista de índios e sertanejos. Colares pagava um pouco, os sertanejos outro tanto e Joaquim ainda tinha roça. O Orfanato iniciou-se depois do ataque aos índios. Julga Joaquim Leão possível que a população dos índios tenha em certo período aumentado, sobretudo com a chegada de canelas, gaviões, apinajés e xerentes. Contou mais de 300 em Cab. Grossa (não sei em que data).”

D3: 114-115 – Aldeia do Posto, 19/1/1965.

“Xavier {281} me esteve falando dos antigos, que eram fortes porque comiam jibóia, sucuriçu, pau-puba. Os novos estão pequenos. No morro da Poeira, a meia légua de Boa União, dentro de uma casa de onça (*rop cre*), um antigo índio, AL’FEË (diz Xavier que este nome é craô) desenhou as figuras de um galheiro, uma anta e uma ema. Nenhum dos índios de agora alcança as figuras com a mão. O antigo Al’feË punha os outros na carreira da caça; era muito inteligente. Deixou um filho *Ropcà*, o qual teve uma filha, *Pycàr*. Todos já estão mortos.

Um outro índio antigo, *Cahycà*, era bom para pegar porco queixada. Usando a buzina, entrava no mato e espantava os porcos. Estes corriam para o outro lado. *Cahycà* ia lá e os espantava de novo. Ia fazendo assim até cansar os porcos. Quando os via cansados, ia chamar o povo, que matava bastante. Diz Xavier que o nome *Cahycà* nunca acabará, pois os mais velhos sempre contarão a história dele.

Segundo Xavier, o primeiro chefe de Cabeceira Grossa era Bertoldo {1065}. Quando este se sentiu velho, passou para o Chiquinho {329}. Luís Balbino {1120} era Canela, mas era muito ativo, enquanto Chiquinho só ficava em casa. Chiquinho e Balbino viajaram para o Rio, parece, juntos. Passaram por Pedro Afonso, Porto Nacional, Peixe, Descoberto, Anápolis, Goiânia. Xavier os acompanhou e era rapaz. Quando voltaram, Chiquinho, no caminho já tinha passado a chefia para Balbino. Este era ativo. De manhã cedo Balbino já distribuía o serviço, falando com o governador (Xavier fala que Pedro *Pênô* {158} é do mesmo jeito, não aquieta, está sempre andando). Quando Balbino morreu no ataque, o velho Chiquinho pegou novamente a chefia. Balbino mandava roubar os fazendeiros. Foram Colares e Zacarias que puseram o Ambrosinho {221} como chefe. Os índios não falaram nada porque Ambrosinho é filho daqui.

Sobre a separação do Chiquinho, diz Xavier que foi apenas o seguinte. Ambrosinho fez roça na Lagoa e quis fazer a aldeia lá. Chiquinho disse que não queria ir para lá porque era muita serra e ele já está velho, não poderia caminhar. Ambrosinho então foi embora, sem se importar com o Chiquinho. O mesmo agora está para acontecer com Xavier. Ambrosinho quer mudar a aldeia e Xavier não quer.

A velha aldeia do Canto Grande ficava perto do local onde está a do Abóbora. Xavier me deu a seguinte informação sobre a localização da aldeia da Abóbora: o ribeirão da Abóbora vai para o Corrente; o Corrente vai para o Riozinho; o Riozinho vai para o rio Vermelho.”

D4: 85-86 – Aldeia de Ambrosinho, 8/2/1967.

Informação muito provavelmente de Ambrosinho {221}: “Quando Zacarias estava aqui, a aldeia estava no Ribeirão do Gato, afluente da margem direita do Xupé. A cabeceira de tal ribeirão é próxima da do Ribeirão dos Cavalos. Depois passou para o Vão do Zacarias. Mais tarde foi para Cabeceira Grossa, nas cabeceiras do Riozinho (o que faz a ponta norte do território juntamente com o rio Vermelho). Passou em seguida para a margem esquerda do Riozinho (fora, portanto do atual território indígena). Foi aí que Santiago os atacou. A seguir a aldeia foi colocada mais abaixo, mas na mesma margem. Demarcado o território, os funcionários do S.P.I. acharam bom que a aldeia ficasse dentro dele e os índios se mudaram para Campo Alegre. Aí trabalhou o Dodanin. Morreram aí muitos índios, perto de 25. Os índios abandonaram o local e foram colocar-se em Canto Grande, no Suçuapara, afluente do rio Vermelho. Mas a água do ribeirão era suja. Chiquinho foi então para o Abóbora e Ambrosinho para o Vão do Escondido, onde eu o encontrei pela primeira vez. Depois passou para cá, para Boa União. O local da atual aldeia fica na mesma margem do Xupé que a fazenda do S.P.I.”

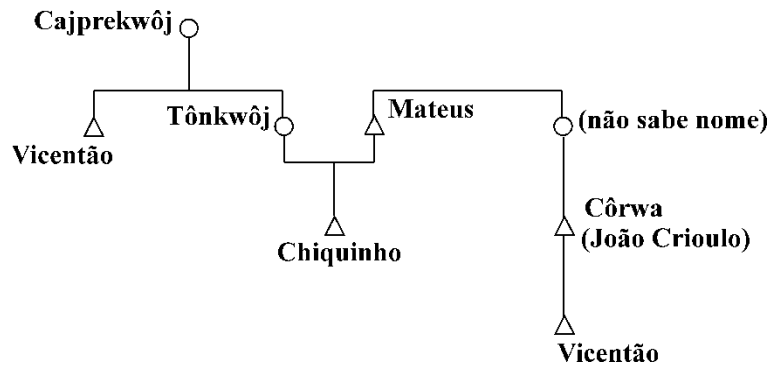
D4: 88 – Aldeia do Ambrosinho, 8/2/1967.

Ambrosinho {221}, no meio da narração mítica dos perigos do pé-do-céu: “Os índios moravam primeiro no pé do céu. Pensa Ambrosinho que foi com medo dessas coisas que vieram para cá. Rumando sempre para oeste, mudando sempre as aldeias, chegaram ao Farinha. Aí houve dificuldades com os cristãos e o Padre Rafael os apanhou, trazendo-os para cá. Só trouxe os Krīkatire, pois os Mākrrar já estavam aqui. O Padre Rafael deu um terreno aos índios cujos limites eram: o Tocantins, o Manoel Alves Pequeno, o Saco da Serra, o Perdida. Os cristãos mais velhos sabem desta antiga demarcação e deixam os índios caçarem no [ou fora do?] atual ‘circo’. Mas os moradores mais novos não fazem assim.”

D4: 135 – Aldeia do Abóbora, 17/2/1967.

“Chiquinho {329} viu o major Tito {1163}. Disse que foi morto a mandado de Trukat {1159}, cujos netos são Satiro {543}, Gregório {528}. Sobre o major Raimundo, diz que era do Piabanha, mas não parece ter certeza sobre quem era este personagem. A aldeia de Tito {1163}, segundo Chiquinho, ficava na Forquilha, perto da atual aldeia de Pedro *Pênõ* {158}.

Aqui vai uma genealogia um tanto incerta, mas que anoto, embora não tenha confiança nela:



A parte referente aos pais de Chiquinho parece ser digna de confiança. Segundo Chiquinho, João Crioulo não era pai de Feliciano.”

D4: 149

[Trata de litígios recentes abordados no capítulo 8 de minha tese].

D4: 152 – Aldeia do Posto, 21/2/1967

“Esqueci-me de anotar uma informação do velho Chiquinho {329}. Ele não conheceu o Padre Rafael, mas seus pais conheceram. As aldeias craôs, quando ele era pequeno, já eram três.”

D4: 246 – Aldeia do Posto, 7/3/1967

“Segundo *Pênõ* {158}, a simpatia de Gabriel {33} pelo Jaó provém de ter muitos conhecidos lá, pois quando a aldeia estava no Jordão, era o avô de Gabriel, João Grosso [deve ser José Grosso {1252}], que era o capitão.”

D6: 6 – Aldeia do Posto, 6/2/1971.

“Chico Velho {112} cantou no gravador. Os índios de todas as idades se divertem com seu jeito ingênuo e sua caduquice. Ele é muito velho e lembra do Padre Rafael. Conta que o Padre rezava quando os índios atravessavam a nado o rio do Sono quando das corridas de toras. Contou que foram os chefes João Crioulo {1226} e Zé Grosso {1252} que trouxeram os índios para cá. Não lembra de seus nomes indígenas.”

D6: 54 – Aldeia de Serrinha, 23/2/1971.

“Disse Luís {447} que os craôs moravam na aldeia chamada Pi?koti e depois em *Xõtuhõ*. Daí é que se dividiram em três aldeias que correspondem a Galheiro, Canto Grande e Pedra Branca.”

D6: 79-80 – Aldeia do Posto, 7/3/1971.

“Na casa de Pedro {158}, Esteves {53} me contou uma história da luta dos craôs com os Pikobye no Estreito. Os Pikobye estavam matando gado de um fazendeiro. Este chamou um capitão craô chamado Inajá (Esteves não sabe o nome craô do capitão). Este reuniu seu povo com os da aldeia do capitão *Pirica*. Foram só os homens e uma mulher para cantar junto do fogo, chamada *Parakwôj*. Parece que correram com toras indo até ao quintal do fazendeiro. Os Pikobye se aproximaram correndo atrás dos cavalos. Os craôs se deitaram. Quando se manifestaram, os Pikobye entraram num capãozinho. Os craôs e os civilizados os cercaram. Como os vaqueiros não sabiam atirar, ou tinham medo de atirar, o fazendeiro passou as armas de fogo para os craôs. Os craôs fizeram duas fileiras, como no *Kêtwajê* e pegaram os Pikobye com as mãos. Mataram todos. Um ferido, chamado *Quêtpej*, foi perseguido e morto pelos civilizados. Um outro, chamado *Wakõre*, conseguiu fugir. Os craôs estavam vingando um ataque que os Pikobye haviam feito sobre um grupo de índios de sua tribo. O pai de Esteves teria alcançado o tempo dessa briga.

A fazenda de Tito {1163} ficava em Santa Cruz e a aldeia ficava aqui mesmo.”

[Faço referências a esse relato de Esteves no Conto 9 de “Contos de Guerra dos Índios Craôs”].

D6: 130-131 – Aldeia do Posto, 13/3/1971.

“Chico Velho nasceu no ribeirão Donzela, num lugar chamado *Côtàjpar*. Não havia capitão na sua aldeia, que era dirigida pelos mais velhos. Eram *Cônxo* (*Pracat* = Alpercata), *Crato* (José Pinto [Velho {1158}]) e *Xwôpa*. Disse Chico Velho que esta aldeia aqui já foi unida com a de Diniz {303} no passado, mas o Galheiro sempre foi separado.”

D6: 169-170 – Aldeia de Cachoeira, 21/3/1971.

“*Jôqui* {369} e a mulher de Ambrosinho são da aldeia de Travessia.

Contou Ambrosinho {221} que esta aldeia, no tempo de Tito {1163}, era unida à de *Penõ* {158}. Depois que Tito foi morto por um civilizado, a aldeia ainda se cindiu, ficando uma parte no Ribeirão dos Cavalos e a outra em Serrinha, o mesmo lugar em que está Luís Canuto {447}. Só que o pessoal do Galheiro sempre constituiu uma aldeia separada.

Diz Ambrosinho que foram os xerentes os responsáveis por ter a aldeia do Galheiro se espalhado. Os xerentes têm o jeito do cristão, não escutam, não podem ajuntar.”

D6: 243-245 – Aldeia do Posto, 31/3/1971.

“O pai de Davi {172} lhe dizia que quando o homrenré seca, é sinal de que parou de chover. Quando o sete-estrela, no início da noite, está mais a leste, é o tempo das primeira águas. Quando o sete-estrela está no meio do céu, já não se pode plantar arroz que demora, e sim somente arroz ligeiro. Quando o sete-estrela entra a oeste, já passou o tempo da chuva. O sete-estrela não aparece no verão. Conta Davi que os índios iam perguntar a Agostinho Soares quando era o tempo de pôr fogo na roça. Quando Davi era pequeno, os índios não sabiam contar semana e nem mês.

O facão era rabo-de-galo e comprado em Carolina. A espingarda era disparada por fagulha de pedra de fogo. A foice foi introduzida mais recentemente.

Perguntei a Davi se havia mais fartura no passado. Ele disse que sim. Como hoje havia índios que trabalhavam muito e outros pouco. Mas havia um número maior de índios que trabalhavam, tais como Vicentão {1020}, Feliciano {1195}, Ambrósio {1092}, Justino {1099}, Zé Grosso {1252}, Luís, Procópio (pai de Gabriel {33}), eram

trabalhadores. Faziam balsa no Riozinho e desciam pelo Manoel Alves Pequeno e Tocantins até Carolina, levando arroz, amendoim, inhame, abóbora, melancia, e vendiam tudo. Era antes do tempo de Zacarias. Carolina só tinha duas ruas, que formavam um V, com casas de piaçava. Não havia casas de telhas.

A balsa era dirigida com dois remos, um atrás e outro na frente, colocados em forquilhas. Punham areia na balsa e sobre ela faziam fogo.

Não havia moio de fogo. O fogo era acendido pela fricção de dois pedaços de cameleiro [caneleiro?] (*xarājhe*). O pai de Gabriel e Feliciano ganharam fumo, mas experimentaram e ficaram tontos logo. O pai de Antônio (*Jarpôt* {175}) não pitava e não queria que os outros fumassem junto dele. Não havia ‘doença do mundo’, tuberculose, reumatismo. Os índios só começaram a beber cachaça quando aprenderam com os trabalhadores de Zacarias Campêlo. Só os capitães tinham cachorros (Feliciano e Vicentão); só os capitães tinham panela de ferro. Mas havia panelas de barro. Quando Davi tinha 15 anos, os índios não criavam porcos e nem galinhas. Mas criavam porcos queixadas, cutias, araras, pacas.

Paulina {1086}, mãe de Davi, era filha de um negro com uma índia.

A viagem de balsa para Carolina levava cinco dias. Retornavam por terra. O pai de Gabriel era hábil em se orientar no caminho de volta.”

D6: 296 – Aldeia do Posto, 14/4/1971.

“José Pinto me contou mito. Depois me contou que os antigos plantavam o milho ao mesmo tempo, num só dia. Os *Catamjê* plantavam primeiro. Depois eram os *Wacmêjê*.”

D6: 324 – Aldeia do Posto, 24/4/1971.

“Falei com Davi que em ocasiões passadas eu tinha ouvido dizer que as mulheres usavam pinturas de corpo em que era deixada uma faixa vertical em branco, nas costas e na frente, mas agora eu estava notando que os homens usavam pintura semelhante, embora não cheia, mas em traços. Davi me respondeu que os homens estavam usando assim porque estavam gostando. Fazem o mesmo que os ‘cristãos’, argumentou Davi, que outrora usavam ceroulas e hoje usam calções. Em suma, há moda em pintura de corpo.”

Caderneta nº 4 do período 1962-1963.

9/1/1963 [A julgar pelo Diário, estas notas foram escritas no Posto, onde estive três dias, conforme D1: 724, entre duas presenças em Itacajá. Parecem ter sido tomadas de Edite, esposa de Dodanin].

“O criadores mais importantes de Itacajá são: Benevides Bezerra (10.000 cabeças), Pedro Pinheiro (5.000 cabeças) e Mané Paulino (3.000 cabeças). Ainda há o Dico Azevedo, que mora em Carolina. Benevides Bezerra tem fazendas nos municípios de Pedro Afonso, Itacajá e Lizarda; mora em Pedro Afonso. Pedro Pinheiro tem fazendas em Pedro Afonso e Itacajá; mora em Pedro Afonso. Mané Paulino tem suas fazendas em Itacajá e mora na própria fazenda. Dico Azevedo tem fazendas em Itacajá e Carolina. Os outros criadores de Itacajá só têm de 1.000 cabeças para baixo.

Funcionários do Posto:

- 1) Dodanin Gonçalves Pereira – encarregado
- 2) Edite Duarte Pereira – enfermeira
- 3) Hilário Ferreira de Aguiar – vaqueiro

4) José de Souza Cabral (Mangabeira) – vaqueiro

5) Teodoro Ferreira de Aguiar – vigia

6) Pedro Barbosa (Baiano) – trabalhador

7) Emílio da Silva – trabalhador

Os funcionários nunca foram mais de 10. Exceto Dodanin, os demais funcionários são nível 1 e são trabalhadores.

Encarregados do Posto:

1 – Luís Vieira do Quadro

2 – Pedro Mineiro Filho

3 – Major Lima

4 – João Veloso

5 – Ely Távora

6 – Dodanin Gonçalves Pereira 1952-1954

7 – José Tavares de Araújo 1954

8 – Jonas Ferreira Bonfim 1954-1958

9 – Cesário Barbosa Bonfim (filho do anterior)

10 – Cândido Lemes dos Santos 1960-1962

11 – Dodanin Gonçalves Pereira

Dodanin tirou o pessoal do ‘circo’ em 1952. José Tavares matava muitas novilhas. Jonas deu licença para o pessoal entrar de novo. Os moradores davam agrado ao Jonas. Os moradores pagavam uma taxa anual sobre as cabeças de gado que possuía e sobre os ha [hectares] de terra que usava. Havia muita fraude na declaração de quantos gados possuíam ou quanta terra usavam. O dinheiro era usado logo pelo Posto. O Jonas dava um bocado para os índios e usava o resto: os moradores às vezes, sem dinheiro, pagavam em fumo etc. (cachaça? Jonas era danado para beber). Em maio de 1961 Cândido fez Lió Soares pagar 5.000 cruzeiros pela terra e gados que ocupava. Lió já tinha pago a outro encarregado, pagou de novo. Cândido tratou-o mal. Ou melhor Lió dizia que tinha pagado, mas não havia recibo aqui, do Lió. No tempo de Jonas e de Barbosa, pagavam o talão.

Dodanin e D. Edite foram para Campo Alegre. Foram os primeiros a irem para lá. Ficaram desde 1944 até 1947. Depois foi para lá um tal de Eleusípio. Eleusípio foi embora no tempo de ... No tempo de Cândido, Tênisson Noletto (que estava no Canto Grande), deixou a área e foi para Itacajá, doente, até que foi transferido. Desde esse tempo não há mais ninguém perto do pessoal de Ambrosinho {221}.

No Galheiro esteve em primeiro lugar Joaquim Leão e depois Cicero Virgínio. Cícero saiu no tempo do Tavares e depois parece que ninguém mais foi para o Galheiro.

Fernando Cruz, como repórter, veio ao Posto entre 1952 e 1954.

Missão: Zacarias Campêlo, Francisco Colares, Joaquim Leão. Todos antes da criação do Posto. Eram da Junta de Missões Nacionais. Em 1942 Colares estava fazendo o Orfanato em Itacajá.

De 1954 a 1960 Dodanin esteve fora do S.P.I.

Jonas, Barbosinha (filho de Jonas), Tavares, Eleusipo bebiam um bocado. Bebiam em Itacajá e aqui.

Barbosinha era estúpido, bruto, ia ver se os empregados estavam trabalhando e por isso não gostavam dele.

Dodanin e Edite, como funcionários do S.P.I. ensinavam em Campo Alegre: Manoel Bertoldo {371}, Osório {224}, Diniz {303}, aprenderam com eles.

Ensinaram na aldeia do Posto: Barbosinha e talvez Joaquim Leão.

No tempo de Cândido chegou a Professora Silvia Saraiva Randuns e seu marido Eurídice Randuns, mecânico. Foram logo embora. A professora achava que não havia condições.

Cará {1148} morreu no tempo do Jonas, talvez no último ano que esteve aqui. Logo que *Apyhi* {201} matou Cará, passou a comer batata e pimenta.

Os craôs só tinham filho quando o anterior já estava grande.

Major Lima mandou o Marcão {195} bater num rapaz civilizado porque andava com índias.”

Caderneta nº 4 do período 1962-1963.

12/1/1963 [Com base no Diário de campo, D1: 727, estas informações foram tomadas de Manduca em Itacajá]

“Parentes do Manduca

Bisavô materno: José Pedro de Brito

Bisavó: Floriana de Brito

Avô materno: Norberto Ferreira Soares

Avó materna: Catarina Floriana de Brito

Avô paterno: Amaro de Sousa Correia

Avó paterna: Isabel Maria da Conceição (Isabel de Sousa Correia)

Pai: Honorato de Sousa Correia

Mãe: Sabina Ferreira Soares

Quando José Pedro de Brito construiu S. Rita, na margem direita do Manoel Alves Pequeno, só havia Carolina e Pedro Afonso, que Frei Rafael estava construindo. Entre as duas nada havia. Com o correr do tempo, Hermínio José de Brito saiu de S. Rita ou Barriguda para construir S. Roque. Luísa, filha de Hermínio, ainda vive em S. Roque. Alguém dizia que José Pedro de Brito era cearense. Os índios Guajas e Ganelas [Gamelas] mataram no termo de Imperatriz a Regimunda, mãe de Floriana de Brito. Estevão filho de Regimunda comprava índios para vender como escravos. Os índios descobriram e não deixaram mais. Estevão continuou a pegar meninos desgarrados. Os índios se enfureceram e atacaram a casa, matando Regimunda, pois não encontraram Estevão. Mataram o pessoal (comerciantes) arranchados na casa e estragaram a mercadoria. Puseram fogo na casa.

Talvez Pompeu tenha sido o chefe quando os craôs chegaram aqui. Outro chefe da época de Pompeu foi Cornélio (não é Chico Cornélio {1118}).

O Gabriel {33} é da família do Zé Grosso (talvez filho).”

Caderneta nº 4 do período 1962-1963.

15/1/1963 [O relato continua a ser de Manduca. Ver D1: 733]

“O primeiro comerciante do lugar era Francisco Ribeiro, casado com Luisinha, de Balsas. Chegou de 1926 a 1927. Quando Francisco Colares chegou aqui já havia cinco moradores: Feliciano Mota, ‘Crioulo’, ‘Luizão’, Regina Ferreira Soares (irmã do informante). Colares se instalou na casa de Pedro Lobo, que fez a casa mas não morava aqui. Manoel Felipe foi o primeiro morador daqui. Ainda quando morava aqui, Agostin Soares fez sua fazenda vizinha à dele. Francelina de Magalhães era mulher de Manoel Felipe. A mangueira que ainda hoje há no cemitério da cidade, foi plantio dele. Raimundo Tavares (Capão) chegou pouco antes de Colares.

Os ‘revoltosos’ do Cel. Juarez Tavora estiveram aqui. Agostinho foi encontrar com eles adiante da Ventura, uma meia légua. Foi pedir uma garantia contra as depredações dos soldados. Mataram um bocado de gado.

As fazendas de Agostinho eram dois currais e um chiqueiro e a fazenda do vaqueiro. Tinha mais de 20 fazendas: Xupé, Coqueiro, Olivença, Pedra Furada (todas quatro dentro da área dos índios). Morreu aproximadamente em 1932. Enquanto foi vivo não deixou Mundico atacar.

A fazenda de Porto do Vau, de Agostinho Soares tinha sua casa onde é a casa do Ribamar. Depois passou para uma rua atrás da Prefeitura. Depois da passagem dos revoltosos passou para o São Miguel, deste lado do Manoel Alves, mas mais para cima. Há pouco tempo a viúva que detinha esta fazenda vendeu seu gado. No tempo de Manoel Felipe, Itacajá chamava-se ‘Barra do Grotão’. O nome de Itacajá quem pôs foi o Colares. Porque acima da cidade um pouco há uma cachoeira pequena e é uma pedra que nasce na margem direita e mergulha na esquerda, daí a corrente forte na margem esquerda; e aquele lugar chama-se ‘Cachoeira da Cajá’: ITA (pedra) + CAJÁ (fruta) = ITACAJÁ (Cachoeira da Cajá). Até então era ‘Porto do Vau’. Vau é um ribeirão que deixa passar a pé. Ora, a parte que fica debaixo da ponte de abril a outubro se pode passar a cavalo ou a pé.

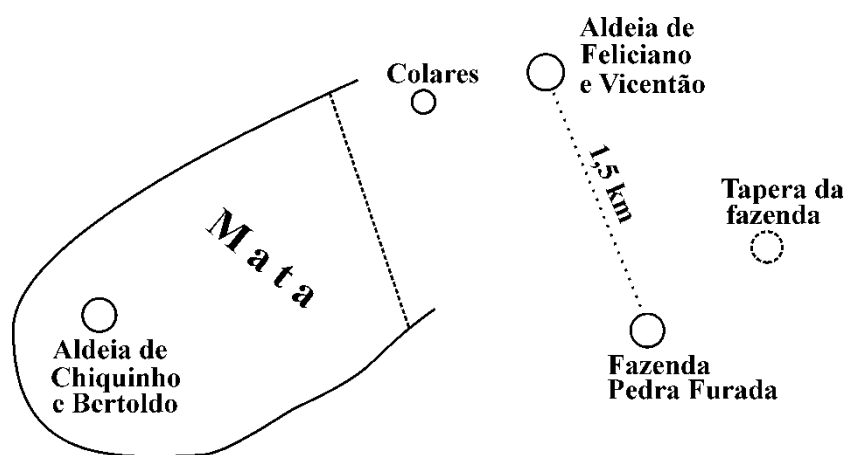
Clementino ... e Vicente Costa é que mataram Serafim (velho), uma mulher velha (mulher do Serafim), uma cunharé grávida, e um rapazinho e puseram fogo na aldeia e não ficou semente para nada. Os índios estavam no cocal de babaçu (ou na Paciência ou nas Flores, na margem do Manoel Alves). Fizeram isso porque os índios estavam atacando o gado deles. Depois disso foram embora para o Maranhão: tinham fazenda no M. A. Pequeno, daqui para cima, o informante não sabe onde. Os índios continuaram a matar gado, de todo o mundo. Matavam como se fosse um veado, uma vez ou outra. De lá veio algum e viu que estavam matando gado. Juntaram jagunços no Maranhão e vieram, Clementino ... e Vicente Costa. Disseram que vinham receber o gado que Agostin devia, pois os cabocos comiam gado por ordem dele. Exigiram um documento de viver bem com eles e mais doando a fazenda Ventura e Japão de pagamento pelos prejuízos que os índios deram. Agostin, sem apelo, assinou. E soltaram Agostinho. Pegaram o gado todo da Ventura e tocaram para a fazenda Japão onde era vaqueiro Lourenço Campo. Agostin era vaqueiro do Cel. Bernardino Pereira de Aquino (do outro lado do Manoel Alves Pequeno, na frente da ponte). Clementino seguiu Agostinho para matá-lo em Boa Esperança.” [Continua em D1: 734]

[Prosseguindo na Caderneta]

“Fazendas de Agostinho fora do ‘circo’: Ventura, Chuveiro, Veados, Lajinha, Sucupira, S. Miguel, Malhadinha, Malvão, S. Julio, Belo Verde, S. José (uma das maiores), Pé do Morro, S. Bento, Cachimbeiro, Poço Azul, Morro Grande, Furna.

Malhadinha, Malvão, S. Julio, S. Bento estavam em território que é do atual Município de Piacá (o antigo nome de Piacá é Porto do Sítio e depois Montanópolis). Belo Verde, no atual Município de Pedro Afonso. O restante, no atual município de Itacajá.

Marcelino Soares vendeu o Xupé sem licença dos herdeiros, para com o dinheiro garantir a defesa dos presos. Quanto à fazenda do Coqueiro (ou Galheiro), Luís Guedes fez ‘arreação arbitrária’ [pouco legível] para o rumo do Marcelino e ele dividiu o gado entre os herdeiros: o gado que voltava os índios comiam. Quando os índios mudaram de Donzela foram para um lugar onde já estivera essa aldeia do Galheiro. Quanto a fazenda de Pedra Furada, estava na boca do Vão da Pedra Furada (Vão do Zacarias atual). Zacarias trouxe a aldeia do Vão do Gato para a cabeceira do Vão da Pedra Furada; depois Colares pôs a aldeia que estava em Pedra Branca na boca do Vão da Pedra Furada. Daí a fazenda ter de sair porque os índios atacavam o gado; o gado que se tirou de lá foi para outras fazendas do proprietário.



José Bernardo da Silveira (advogado) e Izidio Gomes (delegado de Pedro Afonso — nego velho ladrão de 1ª classe) ficaram com o gado do Major Tito {1163}. José Bernardo da Silveira foi morto no Porto da Rampa, debaixo de um pé de fruta-pão em Pedro Afonso, pelos jagunços de Abílio Araújo (conhecido por Abílio Batata — da Bahia). Essa revolução foi mais ou menos de 1912 a 1914.

Atualmente: fazenda do Ventura é de Ana Pinheiro (louca), viúva do Mundico (ela é de Imperatriz); Chuveiro não é mais da família: é de José Rocha, que mora lá (é de Carolina); Veados é de Antônio Soares (neto de Agostin Soares e filho de Jacinta, filha de Agostin Soares); Lajinha tocou para um filho de Agostin com o nome de José Ferreira Soares que vendeu para Clovis Noletto de Pedro Afonso, que tirou o gado e vendeu só o curral e a casa da fazenda para a viúva Matilde Soares, cujo marido era Pedro Arruda que morreu preso em Pedro Afonso por crime de ter atacado a aldeia de Pedra Branca.

Sucupira tocou a Maria Salomé Soares, filha de Agostin Soares e ainda está nas mãos dela. S. Miguel tocou para Marcelino Soares, filho de Agostin Soares. A viúva de Marcelino vendeu o gado, mas ainda está com o local.

Malvão recebeu o gado de S. Julio por causa de doença no velho Agostin. Malvão tocou a José Ferreira Soares (como Lajinha); este tirou o gado de Malvão e levou para Pedro Afonso ou Tocantínia. Portanto, Malvão e S. Julio foram abandonadas.

Malhadinha tocou a diversos herdeiros que retiraram o gado e a abandonaram.

Belo Verde tocou para Maria Ferreira Soares e Enedina Soares, filhas de Agostin Soares. Venderam gado e o ‘casco’ da fazenda. Hoje o ‘casco’ da fazenda é de Benedito Botelho. S. José tocou para Enedina também e ainda está com ela. Pé do Morro tocou para Antônia Ferreira Soares, filha de Agostin Soares; ainda está em poder desta proprietária. S. Bento: Mundico e Marcelino, quando Agostin era vivo, venderam a José Santiago e foi por causa desta fazenda que Santiago atacou os índios. Cachimbeiro tocou para Marcelino Soares; a viúva deste vendeu o gado e dispôs o terreno à venda; tem o título da terra. Fica dentro do Município de Itacajá: é boa para criar gado raciado. Morro Grande tocou para Mundico Soares e está com Maria de Lourdes e Marilena, filhas de Mundico. Furna acabou na mão de Agostin mesmo. Poço Azul estava nas terras do Cachimbeiro, município de Itacajá. Morro Grande, no atual território de Pedro Afonso. Furnas, neste município, vizinho de Lajinha.

Outros fazendeiros do tempo de Agostinho, na região: Bernardino Pereira de Aquino (Boa Esperança e Sta. Tereza, esta no Maranhão — Agostin adquiriu gado por herança de avô, pai, mãe e nas duas fazendas citadas neste parágrafo. Foi primeiro vaqueiro na 1ª e depois na 2ª), Capitão Manoel Gomes Marinho; Cel. Justiniano Coelho, com diversas fazendas, de Carolina; Major Leopoldo de Aquino, filho do Cel. Bernardino; Cel. Justino Medeiros; Major Manduca Medeiros, irmão do anterior; Cel. João de Melo Azevedo, de Carolina; e outros de menor classe. Um dos maiores criadores de Carolina, o Major Job Figueira, onde o atual Manuel Paulino conheceu [começou?] a ganhar seu gado, trabalhando como vaqueiro.

Santiago tinha fazenda em Piacá, Pedro Afonso, Riachão. Em Itacajá não. Tem diversas fazendas em Piacá. Atacou os índios porque de tempos em tempos eles matavam um gadinho na sua fazenda de S. Francisco e de S. Bento, no Piacá. Não tinha outro motivo para ter raiva dos índios.

Bernardino Cruz (cuja mãe é irmã do pai do informante) cujas fazendas de Boa União e Jardineira; ; seu filho Arcelino foi preso com Mundico por ter ido no ataque (Bernardino não foi); era fazendeiro pequeno; o informante não lembra de outros fazendeiros. Raimundo Pinto, cujo gado os índios não tocaram, acompanhou Mundico por amizade. Boa parte dos jagunços que acompanharam Mundico eram vaqueiros de seu pai (como o próprio Raimundo Pinto); Mundico era o administrador de todas as fazendas.

Santiago vendeu S. Bento e retirou o gado de S. Francisco. Nesta ele pôs um reprodutor depois do ataque e os índios mataram e comeram. Dodanin foi lá, desenterrou os restos, viu que era de uma rês de raça boa. O informante não sabe o que aconteceu: se o S.P.I. pagou ou não etc.

Caetano Tavares morava para cá da Serra Geral. Todos ou parte dos craôs foram morar para lá. Caetano matou muitos e pediu a Agostinho para vir acabar com eles aqui. Agostinho pediu que por bondade ficasse por lá e não viesse matar índio aqui, bastasse o que tinha morto por lá; ficava por isso mesmo. Raimundo Tavares (Capão) foi criado por ele. A fazenda de Caetano Tavares era Recurso e fica no Município de Itacajá [atualmente a fazenda sedia o novo município de Recursolândia, TO]. Isaías, genro do Né, que mora aqui em Itacajá, é neto de Caetano Tavares (é o dentista daqui). Modesto Sales, de Bom Jesus, se não é filho, é neto ou genro de Caetano Tavares.

Houve um ano, de crise, em que os craôs andaram mandando três ou quatro quartas de farinha aqui em pequenas quantidades. Foi a única vez que venderam.”

Caderneta nº 4 do período 1962-1963.

17/1/1963 [Informações da esposa de Joaquim Leão. Ver D1: 748]

“O massacre foi no dia 25 (ou 26) de agosto de 1940.

Em 1925 ou 1926 o Joaquim Leão (evangelista) fez uma visita com o Pastor Normando Lang. Em 1926 chegou Zacarias Campêlo e sua esposa Noemi Campêlo e Carlino, cunhado de Zacarias, que não ficou. Constância Campêlo, irmã de Zacarias veio depois (ficava alguns dias e ia embora). Em 1928 Noemi faleceu em Carolina; em 1929, mais ou menos, casou com Orfiza. Em 1929 ou 1930 Joaquim Leão trabalhou com os Guajajara ensinando. O pai de criação de J. Leão era missionário entre os Guajajara: Ernesto J. Wootton com sua esposa Ana Wootton (Ninoca). Depois voltou aos craôs em 1933 com a Junta de Missões Nacionais, ou melhor, como auxiliares da Junta. Em 1933 já estava com sua esposa, Maria Leão. De 1933 a 1934, auxiliava Zacarias em C. Grossa. Em 1935 e 1936 ficou com F. Colares na aldeia de Pedra Branca. Em 1937 J. Leão e sua esposa foram reconhecidos como missionários pela Junta de Missões Nacionais. Ficaram na Junta até 1940 quando houve o massacre dos índios. De 1941 a 1946 passaram a pertencer ao S.P.I. Zacarias Campêlo pelos fins de 1934 foi para os xerentes. De 1937 a 1940 J. Leão trabalhou como professor com F. Colares em Pedra Branca. Já desde 1936 passaram a residir em Itacajá, mas trabalhavam na aldeia. Em 1936 Itacajá tinha nove casas.

De 1940 a junho de 1946 Joaquim Leão foi funcionário do S.P.I.

Capitão Humberto Diniz, comissionado de inquirir sobre o massacre dos craôs solicitou Joaquim Leão para criar o Posto Indígena Manoel da Nóbrega. Foi o primeiro servidor do S.P.I. junto aos Craô. De 1940 a 1944 ficaram no Posto. De 1944 a 1946 J. Leão foi instalar um Posto de criação no Galheiro. No Galheiro não chegou a ser organizada a escola. J. Leão quando tinha de ser transferido para os apinajés, deixou o S.P.I., pedindo sua exoneração.

Manoel Bertoldo, Raul, Ismael, Eusébio, Messias foram alunos do tempo do S.P.I. Mundico, *Pênõ* {158}, Davi foram alunos no tempo das Missões Nacionais.

Manoel Perna era amigo dos índios em Carolina. Com o saber que era amigo dos índios, o Capitão Humberto Diniz tomou-o para encarregado do Posto e Joaquim Leão para auxiliar de ensino. Depois de Manoel Perna Joaquim Leão foi encarregado interino. Em 1942 tiraram Manoel Perna (perseguição) e Luís do Quadro veio em 1943. Quem tirou M. Perna foi Cildo Meirelles, que queria que J. Leão ficasse encarregado, mas este não aceitou por ser amigo de M. Perna e então só aceitou ficar como interino. Luís do Quadro veio em fins de 1942 e ficou até 1945; em 1945 chegou o Major Lima; em 1946, ainda estava lá como encarregado. Pedro Mineiro não foi encarregado.”

Folhas avulsas – 27/4/1993 – Informações tomadas de Pascoal {38} e de Adriano em passagem por Brasília. Refere-se a líderes e funcionários, índios ou não das aldeias de então. As aldeias cujos dados estão indicados com margem maior são resultantes de desmembramento da aldeia que as antecede.

Pedra Branca

Martim {73} (filho de *Pênõ* {158})

Aux. enfermagem: Meira Lindalva (recebe); Maria Zacarias (recebe)

Enfermaria de telha

Pedra Furada

Tadeu, filho de Aleixo {466} do Galheiro
Vai mudar → Oscar {64 ou 214?}?
Aux. enfermagem prático não remunerado: Alcides (craô) {96?}
Enfermaria de palha

Manoel Alves Pequeno

Aprac {48?}
Aux. enfermagem: Luís (recebe)
Enfermaria de palha, bem feita.

Brilhante

Põhympej, genro do Basílio {121}, do Morro do Boi
Aux. enfermagem, prático, não-remunerado: Luís (craô)

Cachoeira

João Doroteu
Aux. enfermagem: uma civilizada (recebe); Pókré (craô, não-remunerado)

Rio Vermelho

Diniz *Tepjêt* {303}
Aux. enfermagem: uma civilizada (recebe)
Enfermaria de palha

Galheiro

Kraté
Aux. enfermagem, prático, não-remunerado: Afonso (craô)
Enfermaria de palha. Já houve de tijolo.

Forno Velho

Milton
Aux. enfermagem, prático, não-remunerado: Filho Milton.

Lagoinha

Marco (*Cugô*)

Santa Cruz

Gilberto (*Hýncaca*)
Aux. enfermagem: Gilberto (recebe)
Enfermaria de telha.

Morro do Boi

Rufino, filho do Gregório? [Há um Rufino {566}, filho de Teodorinho {564}]
Aux. enfermagem: Fernando (mestiço craô), não remunerado
Enfermaria de palha.

[Tabela inicial](#)

[Sumário craô](#)